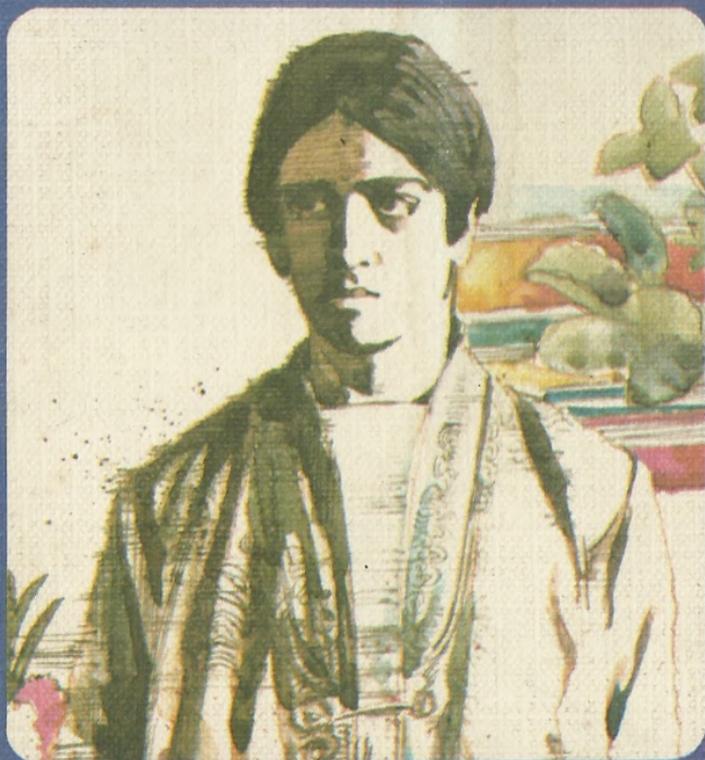
SABEDORIA E PENSAMENTO SABEDORIA E PENSAMENTO

Krishnamurti

Morrer Para Renascer

EDIOURO/50616

SABEDORIA E PENSAMENTO

JIDDU KRISHNAMURTI, teósofo hindu, nasceu em Madras, Índia, em 1895 (ou 1897, segundo alguns historiadores). Foi educado na Inglaterra, onde suas idéias despertaram grande interesse. Em 1923, Annie Besant afirmou ser ele o Mestre do Mundo, organizando-se na Europa a Ordem da Estrela do Oriente, com sede em Ommen (Holanda) e seções nacionais, inclusive no Brasil (Instituição Cultural Krishnamurti, Rio de Janeiro).

Krishnamurti viveu todo o período de agitação do seu país, presenciando as lutas sangrentas que dividiram a Índia. Seu pensamento revolucionário logo se impôs, atraindo multidões para ouvir as suas conferências.

Krishnamurti combate todas as religiões, cultos e cerimônias, afirmando que não representam a total verdade, e que somente através do pensamento lógico o ser humano pode atingir um estágio elevado. Comprovando na prática as suas teorias, dissolveu em 1929 a Ordem da Estrela do Oriente, criada por seus seguidores e que pretendia apresentá-lo como o Mestre do Mundo.

Krishnamurti percorre o mundo, levando sabedoria e conhecimento, pronunciando as célebres conferências que o tornaram uma das maiores personalidades deste século.

Jiddu Krishnamurti

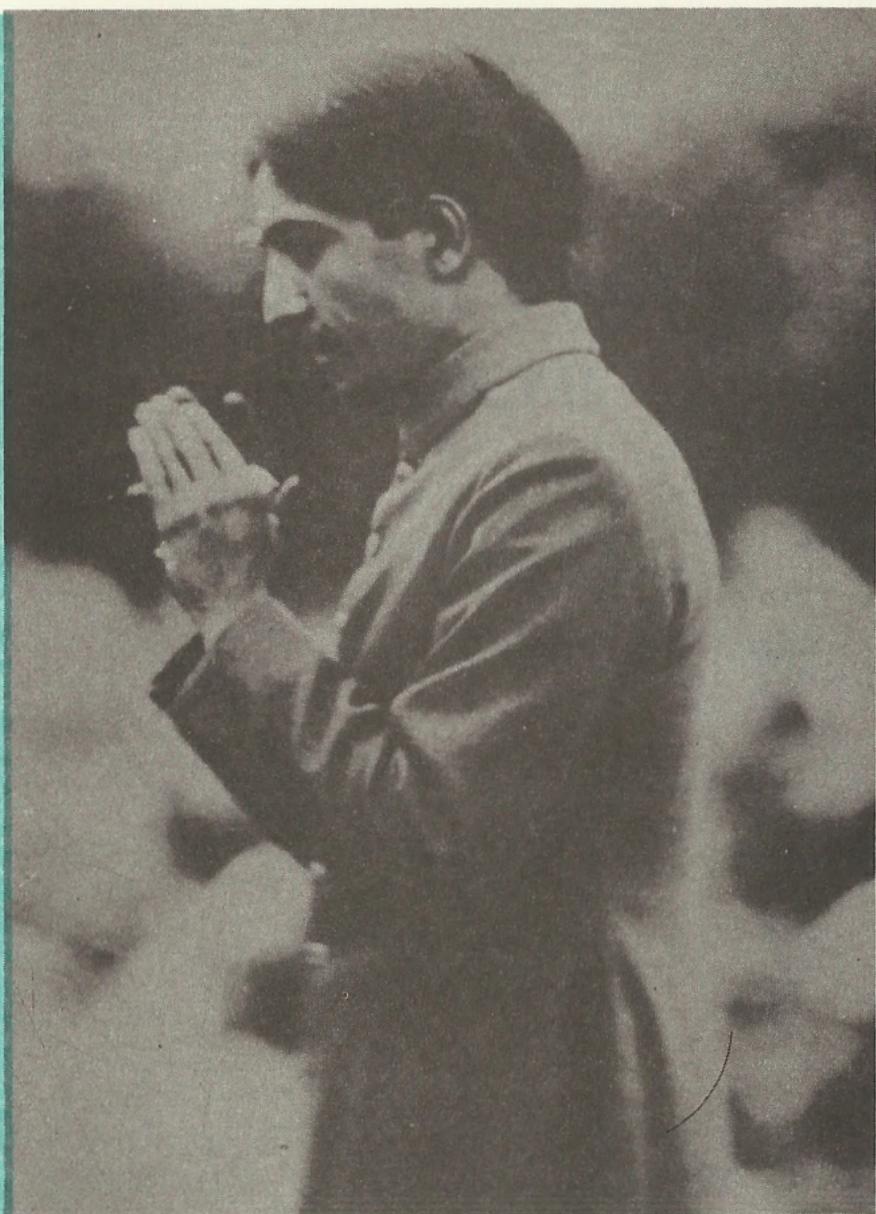
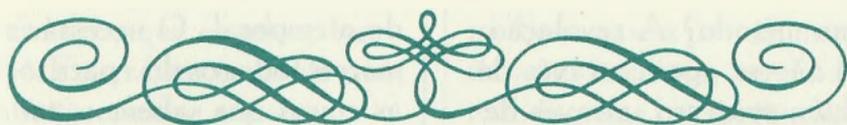
MORRER PARA RENASCER

Tradução de:
Hugo Veloso

Desenhos de Myoung Youn Lee baseados em motivos de tapetes indianos.

ÍNDICE

Parte de um poema de Krishnamurti. Uma página do seu caderno, escrita a lápis, em 1927.

Krishnamurti dissolvendo a Ordem da Estrela, no Campo de Ommen, em agosto de 1929.

Morrer Para Renascer

A Busca da Fonte da Felicidade

Se pudéssemos encontrar, por nós mesmos, uma fonte perene de felicidade, de bem-aventurança, estariam resolvidos, parece-me, a maioria dos nossos problemas. Andamos incessantemente em busca dessa fonte, em todas as nossas relações, em tudo o que fazemos, com motivo e, às vezes, sem motivo algum.

As coisas que acumulamos como conhecimento e as coisas do coração e da mente, constituem um seguro indício de que ansiamos por encocntrar aquela fonte inesgotável, de cujas águas possamos viver e ser felizes e criar. Mas, essa fonte parece esconder-se de nós. Estamos sempre a perseguir um fantasma e nunca temos a coisa real. A meu ver, se refletirmos devidamente sobre o problema da revolução religiosa e soubermos promover essa revolução, ela poderá levar-nos àquela fonte e fazer surgir em nossa vida aquela bem-aventurança.

A revolução total depende de um "processo", uma progressão? Depende de

algum método? A revolução total não se opera através de nenhum processo, através de ajustamentos graduais, renúncias, resistência, disciplina. A revolução total está no momento. Qualquer outra espécie de revolução ou mudança, assim me parece, é "processo" de ajustamento a determinado padrão, a um ideal, a uma Utopia, ou o que quiserdes; é um processo gradativo; e tal processo, tal método de acesso gradual — o chamado método evolutivo — não o considero religioso; será científico, mas, fundamentalmente, não é, de modo nenhum, religioso.

Afigura-se-me muito importante compreendermos esse estado religioso para *nos acharmos* nele e não para *chegarmos* a ele. E essa compreensão é impossível, acho eu, se pensamos em termos referentes ao tempo, tais como: "alcançar, chegar, praticar certo método, seguir determinado caminho", para termos a revelação daquela extraordinária ação criadora do atemporal. O necessário é morrer todos os dias para todas as coisas que sabemos, todas as coisas que experimentamos, tudo o que aprendemos. O importante é o morrer todos os dias, mas não *como* morrer.

Antes de irmos por diante, importa sobremodo averiguar-se a maneira como escutamos. Se uma pessoa é intelectual, se leu muitos livros, se adquiriu muita erudição e tem o intelecto e a mente completamente cheios, essa pessoa é capaz de escutar? Os seus conhecimentos, justamente, não colidem com as coisas que ouve dizer, impedindo-lhe o descobrimento da verdade? Pode o seu intelecto ser muito penetrante e capaz de exame racional progressivo; mas, pode essa mente, a mente dita intelectual, alcançar aquele estado?

Aquele estado, por certo, só pode existir depois de cessar a atividade da mente. Não vos parece importante, por conseguinte, que essa mente intelectual abandone, se possível, todas as coisas que

aprendeu, que estudou, que leu? Estou bem certo de que, de outro modo, a mente intelectual nunca encontrará aquilo que é real. A mente intelectual é muito susceptível de ilusões; pelo processo da análise, ela exclui e elimina, e, tendo medo à incerteza, apega-se a uma dada crença — como procede a maioria dos intelectuais.

Não é importante que aqueles de nós que não somos muito intelectuais, saibamos escutar? O indivíduo comum, que luta, que se sente infeliz, tem o sentimento de estar perdido; não sabe onde encontrar conforto, onde achar a compreensão, não sabe em quem confiar; porque todos os políticos e os chamados guias religiosos não o conduziram a parte alguma, a sua vida é de confusão e contradição, sempre crescentes. Com sua mentalidade vulgar, medíocre, vive numa luta incessante para ser alguma coisa. Não é muito importante que ele aprenda a escutar corretamente?

O homem medíocre, o homem mediano anseia por um método de ação imediata; vendo-se tolhido pelas circunstâncias de uma vida que se tornou rotina, cheia de tédio e de frustração do seu "eu", ele deseja saber o que deve fazer. Não é muito importante, para a mente que está sempre a lutar por um fim, um resultado, um objetivo, algo que lhe sirva de guia, não é muito importante que essa mente saiba *escutar*, já que estamos sempre traduzindo o que ouvimos em termos de ação? — o que não significa que a ação não seja importante. Em meu sentir o homem feliz sabe viver, e viver é a sua ação; o homem infeliz, porém, está perenemente em busca de um padrão de ação.

Sendo os mais de nós tão infelizes, vivendo a lutar e a buscar um pouco de luz ou de felicidade, interessa-nos mais escutar com o fim de encontrarmos algum padrão de ação; estamos todo entregues a esta busca vã, do padrão de ação, e perdendo a arte de escutar — escutar tudo o que

É um fato óbvio que nós morremos, que nosso corpo está sofrendo constante modificação; tanto tem fim o nobre quanto o ignóbil. A mente, porém, recusa-se a morrer para as coisas de ontem.

nos cerca: o bramido do mar, os cantos dos pássaros, os gritos das crianças, os livros que lemos.

Não escutamos, porque nossa mente está toda ocupada e nossas ocupações são triviais. Mesmo a mente que se ocupa ou se interessa pela busca de Deus é trivial, porque está ocupada. Só a mente livre, tranqüila e desocupada conhece a felicidade e tem espaço infinito; a essa mente o Eterno se apresenta.

A mente cheia de inquietações, preocupada com a salvação da humanidade, reformas sociais, aquisição de conhecimentos, nunca será capaz de escutar, porque, nela, não existe espaço, não existe um vazio onde possa medrar uma coisa nova, uma semente nova. Parece-me muito importante, tenhais na mente um tal espaço desocupado, tranqüilo, livre de lutas, uma luz a brilhar no meio da escuridão; mas não o podemos ter, quando a nossa mente está toda ocupada, perseguindo alguma coisa, pedindo, rogando.

E há, também, espíritos não amadurecidos, que escutam como estudantes, *i.e.*, com o fim de aprender, de coligir conhecimentos, para viverem de acordo com eles; esses querem exemplos, símiles, querem que se lhes ensine a maneira de agir e de escutar. Ora, todos esses espíritos — o estudante, o homem comum, a pessoa dita intelectual — estão ocupados; neles, não há espaço, nenhum vazio onde se possa descobrir algo de real ou de falso.

Por certo, é necessário haver algum espaço na mente, no qual possa germinar uma semente nova — a semente que se não obtém através de lutas, nem de um dado processo, nem pela evolução deliberada do imitador, nem por meio de exercícios. É necessário haver aquele pequeno espaço, na mente, por mais ocupada que ela esteja com outras coisas, e aquele pequeno espaço deve permanecer não perturbado, não contaminado: lá poderá brotar a fonte eterna da felicidade. Mas a criação

daquele espaço não depende de nenhum ato volitivo. Não se pode dizer: "como irei criá-lo?" No momento em que se pergunta "como?" já a mente está ocupada.

Se se percebe a importância, a beleza pura, a necessidade da quietude, haverá então aquele espaço; aquele espaço significa o morrer para todas as coisas sabidas, todas as lembranças, todas as experiências, todas as acumulações de saber e conhecimento. É um fato óbvio que nós morremos, que nosso corpo está sofrendo uma constante modificação; tanto tem fim o nobre como o ignóbil. A mente, porém, recusa-se a morrer para as coisas de ontem.

Estamos transportando essas coisas de dia para dia, e esse transportar se efetua por meio da memória, que lhes dá essa continuidade. Esperamos que, dentro dessa continuidade, desse contínuo aprender, adquirir, modificar, alterar aqui e ali, operar-se-á uma revolução, uma transformação radical. O que é capaz de continuar não é revolução religiosa. Só quando o pensamento termina e não tem mais continuidade, pode haver um morrer, para a mente, e nesse morrer pode ocorrer a transformação radical.

Escutai, simplesmente, o que estou dizendo. Não digais: "Como poderei alcançar as coisas de que estais falando?" Eu não estou falando de coisa alguma; apenas descrevo o estado da mente, desse mecanismo, desse organismo perpetuamente barulhento e que nunca é capaz de escutar o silêncio. Nossos pensamentos estão em movimento constante; e o pensamento é a continuidade de ontem, ou seja o processo do tempo, e no processo do tempo jamais haverá a possibilidade de transformação radical; nele só pode haver mudança, fuga, modificação, nunca, porém, revolução real, religiosa, em que não existe processo algum, mas só *ser*.

Por exemplo: um homem que é ávido, por mais que se

exercite, se controle e discipline — e isso é o processo do tempo — nunca chegará a uma condição onde possa achar-se o estado de não avidez. A libertação da avidez não é um processo, mas um estado que tem de *acontecer;* e esse acontecimento só pode verificar-se pelo morrer; porque é só quando se chega a um fim, que algo novo pode surgir.

Recusa-se a mente a findar, porque a mente é resultado do tempo, de séculos de compulsão, conformação, imitação; ela só conhece luta, julgamento, e os valores baseados naquela luta; e, tentando transformar-se pela luta, diz ela: "tenho de transformar-me; é necessária uma ação de minha parte, que produza a felicidade". Daí as revoluções econômicas, científicas ou sociais, mas nunca a real revolução religiosa, a única revolução verdadeira. Religião não é adoração de ídolos, observância de ritos, nem cultivo dos ideais da mente. Por certo, religião é coisa muito diferente da repetição do que foi dito pelos antigos instrutores, nos *Vedas* ou nos *Upanishads;* tudo isso tem de acabar, consumir-se, no fogo do silêncio.

A dificuldade consiste em que nunca desejamos estar incertos e temos medo de perder tudo. A mente, pois, vendo-se incerta, busca a certeza, criando assim o temor; do temor nasce a imitação, o estabelecimento da autoridade — política, religiosa, ou a da própria volição — visto que a mente exige um estado de continuidade, onde esteja *certa.* Mas a mente que anda em busca da certeza, nunca tem espaço onde seja possível o aparecimento do Real.

Parece-me, por conseguinte, que vós que estais me escutando, não deveríeis mostrar tanto interesse no "como", porém, antes, em "ser" — ser, ter algum espaço na mente, onde não haja nenhum movimento de pensamento, uma vez que o pensamento é a continuidade

de ontem. O pensamento nunca produzirá um mundo novo. O intelecto nunca produzirá um Estado novo. Só quando termina o pensamento, quando está morto para todos os dias passados, só então existe a possibilidade daquela revolução religiosa, tão necessária para a criação de um mundo novo.

Todos os deuses devem desaparecer, para que o Deus real apareça. Temos agora tantos deuses em nossa mente, que se torna impossível o aparecimento do Deus real. Percebei, simplesmente, a verdade ou a falsidade disto, *escutai* o fato, quer ele seja verdadeiro, quer não. Conhecer simplesmente o fato, isto, em si, é libertação. Para se conhecer o fato, faz-se necessário o desaparecimento do ontem; as nossas lembranças, o enriquecimento de nossas experiências, o saber que cada um de nós busca, para estar sempre certo, tudo isso tem de desaparecer; porque todas essas coisas são de fabricação da mente.

A mente é resultado do tempo. Vós, como "eu", como "ego", sois um produto da mente. O caráter, as tendências, as diversas disciplinas, os diferentes métodos de controle e persuasão, tudo isso é resultado do tempo, produto do tempo. A mente é tal como a fez a natureza, o ambiente, através da cultura, do medo, da imitação, da comparação, da chamada educação; essa mente, por mais que progrida e por mais que lute, não pode em tempo algum promover uma ação emanada daquela fonte de felicidade, derivada da revolta para encontrar a Realidade.

Com efeito, é necessário percebais a simplicidade dessa coisa — não a simplicidade exterior, mas a simplicidade daquele estado em que não há esforço para *chegar*, em que não há luta para se ser algo, mas que equivale a ser "como a flor"; a flor é ela própria perfume, beleza — não há esforço, nem luta.

A mente que luta para alcançar a eterna beleza

Em geral, temos tanta ânsia de resolver o problema que nos desafia, que desejamos uma resposta imediata; essa resposta é para nós importantíssima, porquanto pensamos que, tendo a resposta, teremos resolvido o problema.

daquele perfume, nunca será capaz de conhecê-la. A mente que luta, jamais pode conhecê-la; todos os seus ritos, todas as suas experiências, todos os seus sacrifícios são feitos em vão, porque lá está sempre presente o "eu", o centro de todo o seu pensar. Para esse pensar temos de morrer todos os dias. O renascimento em cada dia novo é a revolução religiosa.

Consideremos agora o problema do isolamento. Quando tendes um problema, não vos isolais? Não estais em comunhão, porque vossa mente se acha tão peocupada a respeito do problema e da solução, que ficastes fechado para a real compreensão do problema. Ocupando-se com o problema, a mente se está isolando. Não ponhais a mente a trabalhar, mas vede o que é que cria o problema. É a mente.

A mente, no seu isolamento, naquele estado de não comunhão, tem o seu problema, e, por essa razão, andamos a fazer perguntas, em busca de uma resposta que nos "abra a porta" do problema. Estamos, pois, a procurar uma chave, em vez de darmos atenção ao problema. A mente ocupada a respeito do problema não pode examinar o problema.

Temos tantos problemas na vida, não só os problemas da superfície — econômicos e sociais — mas também os problemas inconscientes, profundos, que governam e moldam os acontecimentos exteriores. Esses problemas são o resultado, o fruto da nossa confusão, da nossa luta interior. A mera alteração superficial das condições econômicas, não pode quebrar aquela entidade interior que molda as coisas a seu talante.

Assim, para compreender realmente o problema, não deve a mente estar ocupada com ele. Mas, em geral, temos tanta ânsia de resolver o problema que nos desafia, que desejamos uma resposta imediata; esta resposta é para nós importantíssima,

porquanto pensamos que, tendo a resposta, teremos resolvido o problema. A mente que busca a resposta é, com efeito, uma mente muito superficial, medíocre.

Todos somos educados para acharmos respostas, para sermos ensinados, para copiarmos e fazermos o que nos mandam fazer. Ora, sem dúvida, a vida é um "processo de viver dia por dia", e o viver não contém respostas. A mente que só está à procura de uma resposta para o problema, achará essa resposta, mas o problema permanecerá e tornará a apresentar-se sob outra forma.

Nessas condições, se eu for capaz de compreender o problema, de prestar-lhe a devida atenção, o problema estará resolvido. Mas, como não sou capaz de fazê-lo, fico procurando a solução. Não posso atender ao problema, se o condeno. É esta a circunstância real, a circunstância básica que nos impede a compreensão do problema. Ele permanece, enquanto estamos julgando, condenando, comparando. Se não condenais, se não julgais ou comparais, existe algum problema para a mente?

A mente que condena, julga, analisa, compara, cria o problema. Não digais: "Como devo proceder?" Se aprenderdes um método, ele vos dominará a mente, e de novo lá estará o problema. Mas, se se perceber a verdade contida na asserção de que o condenar, o julgar, o comparar é que cria o problema, poder-se-á então apreciar a inteira significação do problema.

● *Percebo que fui educado muito erradamente. Que posso fazer? Posso reeducar-me, ou estou mutilado para o resto da vida?*

Quando a mente está doente, quando o cérebro está doente, é impossível a educação, não achais? Mas nós somos entes humanos vivos, e em nós existe aquela qualidade, aquela

inteligência que pode ser despertada e que pode educar-se a si própria. Não há entidade humana que esteja tão mutilada, que não possa promover sua própria regeneração.

É muito difícil compreendermos que fomos educados erroneamente. Antes de dizerdes que tendes de reeducar-vos, não deveis saber que fostes educados erroneamente? É tão fácil dizer que fomos educados erroneamente! Isto é, podeis ter sido educado para exercerdes uma determinada profissão técnica, e descobrirdes que ela não corresponde à vossa vocação, mantendo-vos nela, entretanto, por causa das vossas responsabilidades. Abandonar aquela profissão e adotar outra — isso é educação? Ou o aprender outra língua, aprender outra técnica, é educação? Sem dúvida, para se descobrir o que é educação correta, requer-se muito percebimento e penetração. Não é tão fácil asseverar que os mais de nós fomos educados erroneamente.

Nossa educação, desde a infância, foi sempre o cultivo do temor, e é só ele que conhecemos. Sempre nos criaram desse modo. Fazem-nos estúpidos, por meio dos exames, da comparação com o aluno inteligente, com o pai, com a mãe, com o tio; pela compulsão, sob várias formas, por parte dos pais, dos mestres, da sociedade; quer dizer, pelo cultivo do temor. Saindo do colégio, ajustamo-nos a um falso padrão de vida, para fazermos o que nos mandam fazer.

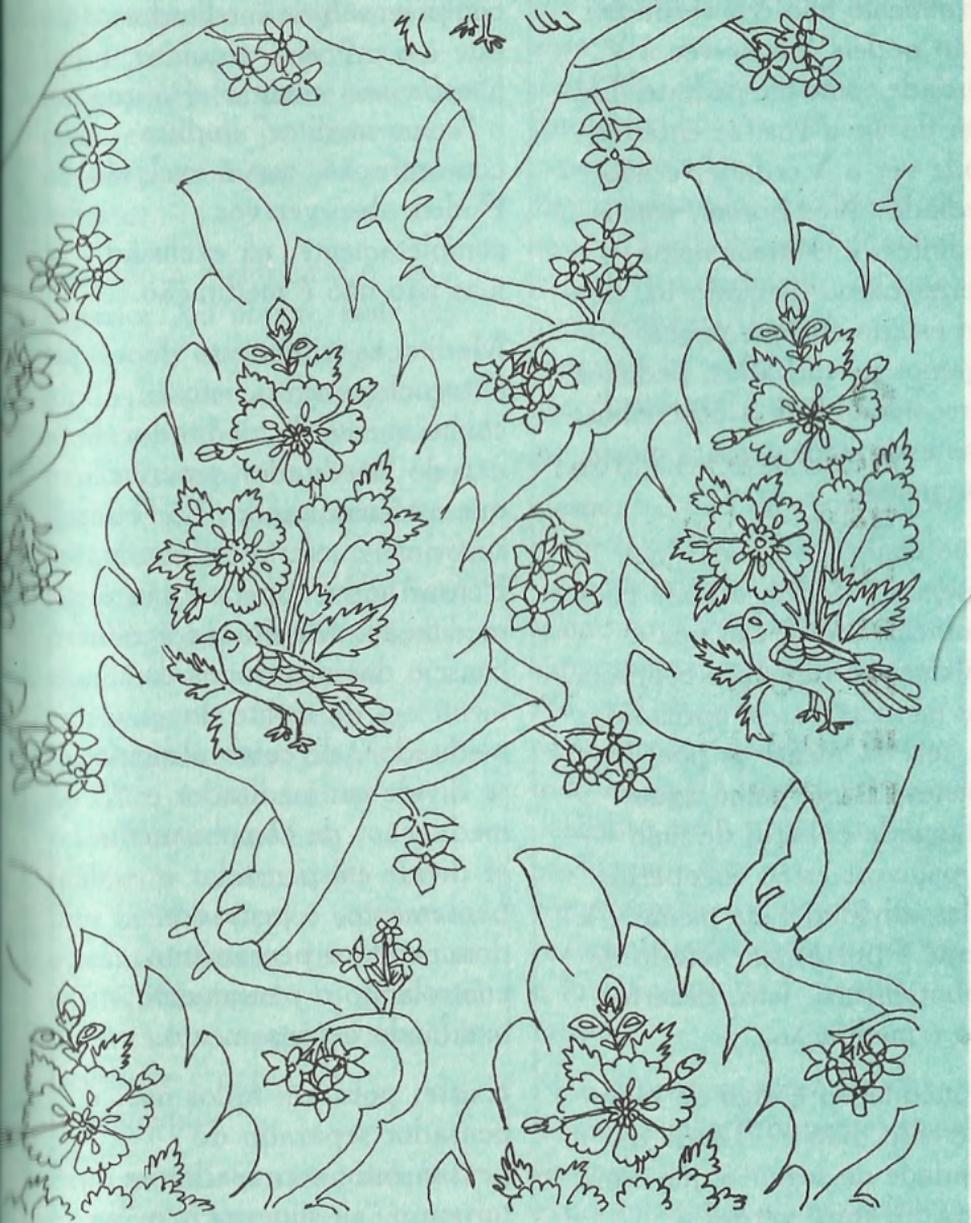
O medo determina o inevitável curso da nossa vida; e, na medida em que crescemos, a vida se torna mais sombria e confusa. Eis o que é a vossa vida; mas os pais não compreendem que o medo destrói e que o medo não nasce, quando, desde a infância, não se fazem comparações, não se fazem exames e, sim, somente, observações e anotações a respeito de cada criança.

Toda a nossa educação, religiosa, econômica, social, está baseada no cultivo do temor. Vós desejais ser *alguém;* do contrário, não sois ninguém; por isso, lutais, competis e vos destruís. Só o homem que não tem medo é *ninguém. Ser ninguém* é que é a verdadeira educação. Há o espírito do anonimato nas grandes coisas da vida criadora. A verdade é anônima, não é vossa nem minha. Não pode haver anonimato, quando a mente tem medo.

Assim, pois, descobrir os modos de ação do temor, e ser livre — não no fim da vida, mas ser livre desde o começo, compreendendo o que é o temor — isto é que é a verdadeira educação. Desde a meninice precisamos compreender os modos de ação do temor, para que, crescendo, saibamos enfrentar o temor e todos os problemas da vida; para que a nossa mente, ainda que encontre problemas contínuos, seja sempre fresca, nova; e para que nunca haja fator algum de deterioração, tal como a memória de ontem.

● *A oração não tem eficácia, ou a verdadeira oração é a mesma coisa que meditação?*

A oração e aquilo que chamais meditação são atos volitivos. Não é verdade isso? Sentamo-nos, deliberadamente, para meditar, assumimos uma certa postura, concentramo-nos para compreender. Nós oramos porque sofremos. Atrás da oração e dos métodos de meditação que conhecemos, está um ato de volição, um ato de vontade. Quando orais, isso é obviamente um ato de vontade; vós desejais, rogais, pedis; em conseqüência de vossa confusão, vossa miséria, vosso sofrimento, pedis a alguém que vos dê luz, conforto; e obtendes o conforto.

O cultivo da mente ou o desenvolvimento da virtude não é importante, pois não constituem o esvaziamento da mente, necessário para o recebimento do Eterno. A mente precisa estar vazia, para receber o Eterno.

Quem pede, em geral, recebe o que pede; mas o que recebe pode não ser a verdade, e geralmente não é a verdade. Não podeis chegar-vos à verdade como um pedinte. Ela tem de vir a vós; só então se pode ver a Verdade, e não pedindo. Nós porém, somos pedintes, e estamos numa eterna busca de conforto, de um estado em que nunca sejamos perturbados; pedimos a recompensa, e a obteremos; mas essa recompensa é morte, estagnação.

Não conheceis aqueles que desejam e pedem a paz? Eles a obtém, mas a sua paz é isolamento, repetição contínua das mesmas frases, aprendidas de cor. A mente os põe quietos. Isso é como água estagnada coberta de limo — as palavras estão encobertas pelas atividades da mente. A mente é posta num estado de embotamento. Isto, decerto, não é meditação.

A meditação é algo de todo diferente, não é? Tende a bondade de seguir o que estou dizendo, para verdes a verdade a respeito da meditação. Para o meditar, faz-se necessária a compreensão do meditador; este é o primeiro requisito, e não o *como* meditar. Porque o "como meditar" implica concentração, que é exclusão. Podeis absorver-vos completamente, na exclusão, mas isso não é meditação.

Meditação é processo de autoconhecimento, isto é, conhecimento do meditador — não do "meditador superior" que está meditando, do "eu superior" que está buscando. Pensar no eu superior não é meditação. Meditação é estar cônscio das atividades da mente — da mente do meditador, de como a mente se divide em meditador e meditação, de como a mente se divide em pensador e pensamento, o pensador dominando o pensamento, controlando o pensamento, moldando o pensamento.

Existe, pois, em todos nós, o pensador separado do pensamento; o pensador se tornou o "eu superior", o "eu

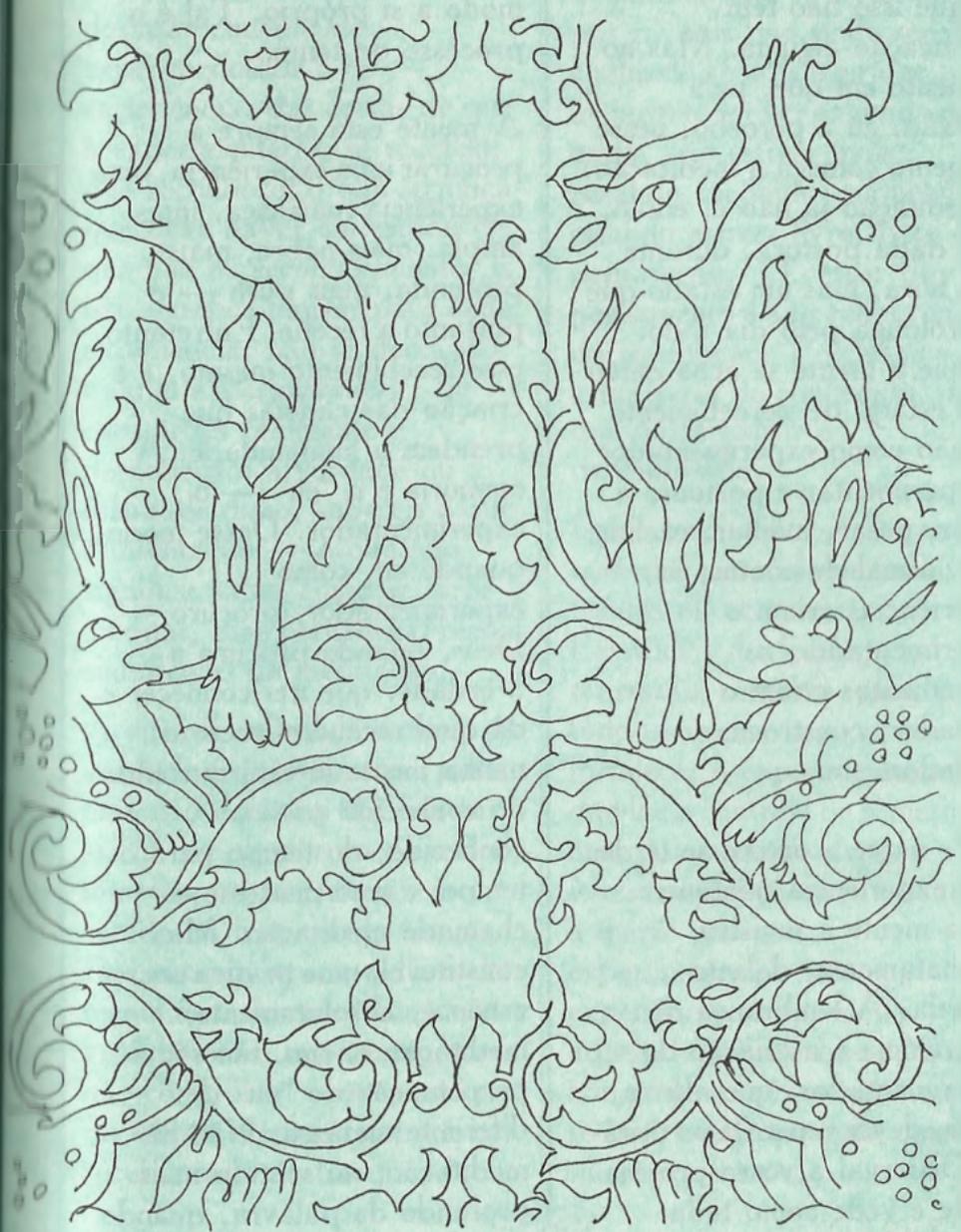
mais nobre", o *atman*, etc., mas isso, sem embargo, é ainda a mente dividida em pensador e pensamento. A mente, vendo que o pensamento é fluido, impermanente, cria o pensador como entidade permanente, o *atman* permanente, absoluto, infinito.

Quando a mente cria o "eu superior" ou *atman*, esse "eu superior", sem embargo, é ainda uma coisa do tempo; está ainda na esfera da memória, é uma invenção da mente, uma ilusão criada pela mente, com uma finalidade. Isto, quer vos agrade, quer não, é um fato psicológico, podeis resistir-lhe, chamá-lo uma inovação extravagante, e alegar que o que está dito nos *Upanishads*, no *Gita*, é contrário ao que estou dizendo. Mas, se realmente examinardes esse fato bem de perto, sem medo e sem resistência, vereis que só existe pensamento, o qual cria o pensador, e não: primeiro o pensador e depois o pensamento.

Não pensais em que sois *ninguém*. Porque os vossos pensamentos estão condicionados, porque pensais como hinduísta, considerais a vós mesmo como uma mente separada, um estado separado, o pensador. Enquanto houver um experimentador experimentando, não pode haver a verdadeira meditação. Mas o descobrimento de que o experimentador é a experiência, esse descobrimento é meditação.

Pode alguém descobrir por si mesmo — não de acordo com o que disse Sankara ou Budha — pode alguém perceber por si mesmo a verdade de que o experimentador e a experiência são uma só coisa, que pensamento e pensador são um todo integral? Isso eu só posso descobrir pelo processo da meditação, que é: compreender o que está realmente sucedendo, observar o funcionamento da minha mente.

Não é preciso aprender nenhuma técnica especial para se descobrir que o experimentador e a experiência

Se minha mente puder dar toda a atenção ao que é sem criar o oposto, descobrirá então o que é o amor — não o amor como oposto do ódio.

são uma só entidade. Esta verdade não pode ser repetida facilmente, superficialmente, porque isso não tem significação alguma. Mas no momento em que, pela reflexão, eu a percebo, nesse momento começa a meditação; a meditação já não é, então, uma dada postura, durante uma hora, mas um estado que se prolonga pelo dia todo; porque a mente se acha então num estado de percebimento — não como experimentador a experimentar e portanto a julgar, pesar, avaliar, excluir; pois, afinal de contas, as experiências criam o experimentador, os pensamentos criam o pensador, constroem o pensador.

Vede o que acontece ao terdes uma experiência qualquer: vossa mente a registra imediatamente, dela se recorda. A lembrança da experiência é a criação do experimentador, que afirma, então, dever repeti-la ou evitá-la. Observai a vossa própria mente e vede como toda experiência cria o pensador, o "recordador", que diz "quero mais", perpetuando-se desse modo a si próprio. Tal é o processo do tempo.

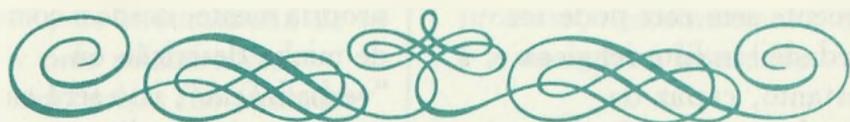
A mente está sempre a procurar uma experiência, uma experiência mais rica, mais ampla, mais nobre, mais profunda, mais pura — e portanto a recebe. Entretanto, esse recebimento mesmo, é a criação das cadeias que prendem a humanidade. A memória é o "eu" — o experimentador. Desse modo, quando *eu*, como experimentador, procuro Deus, quando procuro a Verdade, que irei conhecer e da qual receberei socorro, minha mente se está movendo do conhecido para o conhecido, do tempo para o tempo; e esse processo é chamado meditação. Mas constitui ele uma prática nociva e não é, absolutamente, meditação e, sim, tão-só, a perpetuação do "eu" de diferente maneira. Não há meditação, no sentido mais profundo da palavra, quando

existe experimentador e experiência.

É necessário o desaparecimento do experimentador e da experiência, das coisas de que o experimentador se recorda, que reconhece; o que significa que deve haver um estado em que não há reconhecimento. E isso significa morrer para cada experiência, não se deixando criar o experimentador. Se escutardes realmente e perceberdes a verdade ou a falsidade disso, sabereis o que é meditação — o que não significa saber *como* se deve meditar, mas perceber o pleno significado da meditação.

A virtude, afinal, é ordem. A verdade real é uma coisa pura, mas não constitui um fim em si. O que se põe no quarto é mais importante do que o estado de limpeza do quarto. Por conseguinte, o cultivo da mente ou o desenvolvimento da virtude não é importante, pois não constituem o esvaziamento da mente, necessário para o recebimento do Eterno. A mente precisa estar vazia, para receber o Eterno.

O imensurável só pode surgir por si, pois não pode ser chamado; e só surgirá se a mente não estiver exigindo mais nada, não estiver mais rezando, pedindo, suplicando; quando estiver livre, livre do pensamento. O cessar do pensamento é a peculiar função da meditação. Precisamos estar livres do conhecido, para que possa existir o desconhecido.

Isto é meditação, e não se consegue por meio de nenhuma técnica ou exercício. Exercício, disciplina, repressão, renúncia, sacrifício, tudo isso serve apenas para fortalecer o experimentador, dar-lhe o controle de si mesmo; mas esse controle destrói. Nessas condições, só quando a mente não tem experimentador nem experiência se apresenta aquela felicidade que *é*, que não pode ser procurada, e que só pode surgir estando a mente silenciosa e livre.

Dualidade e Frustração

Acho que, se pudermos compreender o problema da frustração, teremos uma mentalidade que não será meramente intelectual, mas uma atividade "integrada". Nossas religiões, nossas atividades sociais estão baseadas na frustração e no sofrimento. Se pudermos compreender esta questão da frustração, que é realmente o problema da dualidade, talvez possamos, por nós mesmos e como indivíduos, chegar àquela ação criadora que não é uma simples capacidade ou talento, mas uma ação totalmente diversa.

Se pudermos esclarecer esta questão da dualidade e do conflito entre "o que é" e "o que deveria ser", talvez então compreendamos a mente que é sem raiz, pois a mente da maioria de nós tem raiz.

A própria existência da mente indica — não é verdade? — pensamento com raiz no passado. Esta raiz é que cria a dualidade. É possível não dar continuidade a essa raiz, no presente ou no futuro? Só

a mente sem raiz pode ser verdadeiramente religiosa e, portanto, capaz da transformação radical que possibilitará o despontar da realidade.

Desejo examinar esta questão, aparentemente um pouco difícil; mas, se pudermos fazê-lo de maneira simples, não filosoficamente, então talvez estejamos aptos a apreciá-la e compreendê-la por nós mesmos. Mas a dificuldade consiste em que nós, em geral, já lemos tanta coisa sobre este problema da dualidade; conhecemos o problema de acordo com alguma filosofia, algum instrutor, não o conhecemos diretamente, porém, sem que nos tenham chamado para ele a atenção.

Se pudermos examinar o problema da dualidade, não intelectual ou filosoficamente, mas observando as atividades de nossa própria mente, talvez então possamos apreciar o problema de maneira diferente. Se puderdes *escutar*, não a descrição que eu faço, mas as atividades de vossa própria mente, desde o começo de minha descrição ou "verbalização", isso será então uma experiência direta e, portanto, muito mais vital e significativa do que o mero descobrimento, em todos nós, de um processo dual, apontado por algum filósofo, algum instrutor religioso ou algum livro.

Entretanto, a dificuldade é que os que estão me escutando já chegaram a alguma conclusão ou já ouviram o que eu disse antes e sua mente, por conseguinte, está cheia das cinzas da memória das minhas afirmações; por essa razão, não haverá uma experiência nova, uma coisa real, viva.

Os que me ouvem pela primeira vez só poderão achar enigmático o que estou dizendo, pois é provável que eu empregue palavras com um significado diverso daquele a que estão habituados. Mas, conhecendo-se todas as dificuldades suscitadas pelas cinzas da memória, pela experiência e pelo conhecimento prévios, bem

como pela circunstância de se estar pela primeira vez, ouvindo coisas tão altamente "filosóficas" e difíceis — e portanto repelindo-as — temos de escutar com uma mente nova. E não pode nascer essa mente nova, se não observardes o vosso próprio processo de pensamento, desde o momento em que eu começo a falar a respeito deste problema da frustração e da dualidade.

Não vos estou dizendo coisas e, sim, apontando fatos. Vós e eu podemos compreender o fato, apreciá-lo sem condenação, sem julgamento, observá-lo com simplicidade, e estar inteiramente cônscios dele — não como o observador a observar, mas percebendo o que de fato está acontecendo, "experimentando" realmente o processo pelo qual a mente cria a dualidade e faz nascer a frustração, processo em que estão baseadas nossa cultura, nossas religiões, nossas atividades sociais. Se pudermos compreender esse processo, descobriremos o que é a verdadeira liberdade.

O mais importante é que se tenha a revolução religiosa, uma transformação religiosa radical, fundamental, porque todas as outras modificações são sem significação, todas as outras revoluções só redundam em novos sofrimentos. Se pudermos perceber a verdade desta asserção, perceber a importância de uma revolução religiosa radical, e que só ela poderá promover uma modificação nas nossas relações com todos os homens, então minhas palavras não serão um simples meio de excitamento ou divertimento intelectual ou emocional, mas algo de verdadeira significação em nossa vida diária. Por conseguinte, temos de ouvi-las como se fosse a primeira vez que as ouvimos, isto é, num "estado de novo"; esse "estado de novo" não poderá existir se não observardes a vossa própria mente, desde o momento em que eu começo a penetrar o problema.

"Vir a ser" é enraizar-se — numa idéia, numa pessoa, num objeto. Quando a mente se enraíza, surge o problema: "Como poderá ela libertar-se?" A sua libertação assume então a forma do oposto e daí resulta a luta para achar a maneira *como* libertá-la.

O problema é o problema da luta, do conflito, da luta incessante entre "o que eu sou" e "o que deveria ser", o conflito entre "o que é" e "o que poderia ser". A mente está sempre e sempre a forcejar, a lutar, acomodar, ajustar, controlar, em conformidade com "o que deveria ser". Isto é tudo o que sabemos. "O que deveria ser" é para nós mais importante do que "o que é." Temos esses padrões ideológicos a que o espírito se está constantemente ajustando.

Esse ajustamento é ação da vontade, mediante compulsão, persuasão. E daí resulta luta, e a luta produz frustração. Isto não é simplificação exagerada, é o que de fato acontece com cada um de nós: "eu sou isto, e no futuro deverei ser aquilo". Mas o futuro, o que deveria ser, o ideal, é um oposto, uma contradição do que é.

A mente percebe que eu odeio e diz "devo amar"; a mente, por isso, fica perenemente ocupada em ajustar-se, forçar-se, disciplinar-se, para alcançar um estado a que ela chama amor. Eu não conheço o amor, mas a minha mente está perseguindo o que ela pensa ser o amor, e que é só uma idéia, o oposto daquilo que eu sou. A projeção de uma idéia do que seja o amor não é o amor e, sim, uma reação daquilo que eu sou, que é: "eu odeio".

Na minha luta para apoderar-me daquele amor, eu sou violento e tenho a idéia da não violência; e, assim, faço exercícios, disciplino, controlo, moldo a minha vida, segundo aquela idéia, aquele padrão, mas nunca chego a preencher o padrão. Isso acontece porque, quando o alcanço, logo a minha mente inventa outro padrão. E assim prossegue, a mudar de padrão continuamente. Por essa razão, a minha vida é uma série de frustrações, sofrimentos e lutas por uma coisa após outra. É, pois, a minha vida uma sucessão de lutas e desditas, que é só o que eu conheço.

O importante não é "o que deveria ser" mas "o que é". "O que é", o que eu conheço, este

é que é o fato. A outra coisa não existe. Se minha mente puder dar toda a atenção ao que *é*, sem criar o oposto, descobrirá então o que é o amor — não o amor como oposto do ódio. Mas o problema de compreender o que é o ódio requer percebimento sem condenação. Porque, no momento em que o condeno, estou odiando, já criei o oposto. Espero esteja expondo a questão com clareza e simplicidade. Quando se pode ver essa coisa, isto, com efeito, é uma extraordinária libertação de todas as frustrações que temos criado.

Somos um povo infeliz; nossa religião é infeliz, sendo produto da infelicidade, da luta, da frustração; nossos deuses e até a nossa cultura resultam dessa frustração. Temos, pois, de compreender, não apenas verbalmente, intelectualmente, mas mui profundamente o fato que diz respeito ao que "eu sou", "o que *é*". O fato é este: "eu odeio; eu sou violento" — só isso. Mas a mente não quer aceitar esse fato e, por essa razão, cria o oposto; isto é, condena o fato, criando, assim, o oposto.

Essa condenação é justamente o processo de criação da dualidade. Mas se eu puder perceber que a minha mente condena e que pela condenação eu crio o oposto e, portanto, dou origem à luta, essa própria compreensão do fato de que a condenação cria o oposto e, conseguintemente, o conflito, esse próprio percebimento põe fim ao processo da condenação — não pela compulsão, mas simplesmente pelo percebimento do fato. Tenho, pois, diante dos olhos só o fato de que odeio, sem nenhuma projeção mental do oposto.

Compreendeis que liberdade extraordinária é esta, quando não temos nenhum oposto? Pode-se então apreciar o fato. E então a coisa que eu chamava "ódio" — visto que não a condeno mais — já não é ódio. Mas eu condeno o ódio e desejo transformá-lo em amor, porque minha mente tem sua raiz cravada no passado.

Essa avaliação é o julgamento proveniente do passado; e com esse "fundo" é que eu aprecio o ódio e desejo transformar esse ódio naquilo que chamo amor; isso produz conflito, luta, com todas as suas disciplinas, controles e supostas meditações.

Ora, pode haver um estado livre do passado? Pode haver um estado livre do pensamento que se projeta no futuro? Eu odeio; esse ódio é o resultado do passado, uma reação; e o pensamento, então, o condena, e o projeta no futuro, assim formulado: "devo amar". Eis como o pensamento se enraíza no passado e no futuro, tornando-se contínuo; e nessa continuidade há a luta para prosseguir, na forma do oposto.

O que estou procurando averiguar é se a mente pode em algum tempo ser totalmente livre, e não ter raiz alguma. Quando a mente tem raiz, ela tem de "projetar-se", estender-se; esse estender-se é o oposto; por isso o pensamento é contínuo, nunca chega a um fim; ele é a continuidade de meu condicionamento, do meu "fundo", estendida para o futuro; e por essa razão não há liberdade. Estou procurando averiguar se é possível a mente achar-se num estado em que se não esteja enraizando mediante as experiências. Sem se achar naquele estado, a mente não é livre, vendo-se sempre em conflito.

Por conseguinte, para a mente que tem raiz, há sempre frustração; e, não importa qual seja a sua atividade — social, cultural, religiosa — essa atividade é sempre produto da frustração; não é, por conseguinte, a verdadeira transformação religiosa, em que há a cessação de todas as projeções do pensamento que se enraízam na mente.

Pode a mente existir, sem raiz alguma? O mais que se pode fazer é averiguar, ver se a mente pode existir sem raiz — viver, existir, como o mar, sem raiz alguma, sem estar firmada num determinado lugar, numa determinada experiência, num determinado pensamento. Só

a mente que não tem raiz pode conhecer o Real. Porque, no momento em que a mente experimenta e instala a experiência na memória, esta memória se torna a raiz, o passado; e esta memória, então, fica a pedir mais e mais experiências; por esta razão, há a constante frustração do presente.

A frustração implica — não é verdade? — a condenação do estado da mente, tal como ela é. A mente, tal como é, está cheia da tradição, do tempo, de lembranças, ódio, ciúme. Pode-se compreender essa mente, sem condenação — isto é, sem se criar o oposto? No momento em que condenamos "o que *é*", não o compreendemos. A compreensão do que *é* só pode ocorrer quando não há condenação; só então se pode estar livre do que *é*.

Para mim, a mente que não tem a luta da dualidade é que é a mente verdadeiramente religiosa, e não a que está lutando para vencer a cólera, não a mente que está lutando para se tornar não violenta; esta só está vivendo na luta do oposto. É só a mente verdadeiramente religiosa que não tem o conflito do oposto; ela não conhece a frustração; não luta para se tornar alguma coisa; é "o que *é*". Com a compreensão do que ela realmente é, a mente já se não está enraizando na memória.

Tende a bondade de prestar atenção às minhas palavras, não importa se verdadeiras ou falsas — procurai descobrir o fato por vós mesmos. A mente que tem continuidade na memória, estará sempre frustrada, estará sempre a lutar para ser algo. "Vir a ser" é enraizar-se — numa idéia, numa pessoa, num objeto. Quando a mente se enraíza, surge o problema: "Como poderá ela libertar-se?" A sua libertação assume então a forma do oposto, e daí resulta a luta para achar a maneira *como* libertá-la.

Se se perceber, porém, se se compreender, se se estiver cônscio de como a mente está sempre a enraizar-se em cada

Nenhum valor tem estar-se informado sobre o que os outros disseram, porque cada um tem de descobrir por si mesmo o processo de sua própria mente.

experiência, em cada reação, então, nesse percebimento, não há escolha, não há condenação, por conseguinte não há a criação do oposto, conseqüentemente não há luta. Então, a mente não tem nenhuma raiz, mas está viva; não tem continuidade, mas se acha num "estado de ser" em que não existe o tempo. Parece-me importante compreender isto, não apenas verbal ou intelectualmente, mas vendo, de fato, como a mente está criando a luta e o processo dual.

A ação da mente sem raiz é criadora, porque essa mente já não se acha num estado de frustração, de onde pinta, escreve, ou busca a Realidade. Essa mente não busca; o buscar supõe a dualidade; o buscar é luta, é estender o pensamento do passado para o futuro e deixá-lo firmar-se na raiz do futuro. Se a mente puder perceber esse fato, estar cônscia desse fato, dar-se-á uma extraordinária libertação de tudo quanto é luta; por conseqüência, haverá felicidade e bem-aventurança; e essa felicidade e bem-aventurança não é o oposto do sofrimento, da desgraça ou da frustração. Isto não são meras palavras; falo de estados diretos de que a mente se apodera, instalando-se na experiência; estados que, com efeito, não podem ser conhecidos por uma mente que luta para se tornar o oposto.

Tudo isso requer — não é verdade? — o percebimento do processo mental. Refiro-me ao percebimento do processo total da existência: sofrimento, dor, amor, ódio, sentimento, ilusões — pois tudo isso constitui a mente. Não é, pois, importante ver como a vossa mente funciona, ver como opera, como "projeta", como se apega ao passado, à tradição, às inumeráveis experiências, impedindo assim a experiência da Realidade? Estar cônscio disso tudo não é saber o que dizem os modernos ou antigos instrutores, ou os psicólogos, ou os *gurus*.

Nenhum valor tem estar-se

informado sobre o que outros disseram, porque cada um tem de descobrir por si mesmo o processo de sua própria mente. Esse descobrimento não é possível se nos retiramos para uma caverna nas montanhas, mas sim no viver de dia para dia. É preciso também perceber que aquilo que descobrimos já se pode ter tornado a raiz que determina as nossas ações; isto é, temos de descobrir como a mente pode servir-se dos seus próprios descobrimentos como uma experiência que determina o que ela pensa, de modo que essa experiência se torna o nosso obstáculo, levando-nos à frustração. Ver tudo isso é percebimento.

Esse percebimento só pode ocorrer quando não há condenação — o que, com efeito, significa a quebra completa de todo o condicionamento da mente, para que a mente possa achar-se num estado em que já não crie raízes, sendo por conseguinte uma mente sem âncora e havendo, portanto, a experiência real. Só esta mente é capaz de ver e conhecer aquilo que é eterno.

Observai a vossa própria mente criando a dualidade. Vede como a mente espera uma resposta. Ela faz uma pergunta por causa de sua própria frustração, de seu sofrimento, de suas tribulações e confusão. Faz a pergunta e a converte num problema, e fica à espera de uma resposta. Ao receber a resposta, diz: "como posso chegar lá?" O *como* é a luta — a luta entre o problema e a solução, entre "o que *é*" e "o que deveria ser". O método é o *como*, o método é luta; o método, por conseguinte, pela sua própria natureza, produz a frustração. É, portanto, o mais estúpido dos espíritos aquele que diz: "como posso fazer isso?", "como posso chegar lá?", "Eu sou isto e desejo ser aquilo, mas *como*?"

O importante é "o que *é*", não "o que deveria ser". A compreensão do que *é* requer a cessação da condenação, e

nada mais. Não digais "como posso deixar de condenar?" — porque então vos vereis de novo dentro do mesmo antigo processo. Mas vede a verdade contida na asserção de que o condenar produz a luta e, portanto, a dualidade, e portanto a luta em direção ao oposto. Vede isso, simplesmente, percebei simplesmente o fato; ocorre então a revelação do *é*, que é o problema.

● *Eu conheço a solidão, mas existe um estado denominado "estar só". São estados idênticos?*

Conhecemos a solidão, não é verdade? — o medo, o sofrimento, o antagonismo, o verdadeiro terror em que se acha a mente que percebe a sua própria solidão. Todos nós conhecemos esse estado, não é? Esse estado de solidão não é estranho a qualquer de nós. Podeis ter todas as riquezas, todos os prazeres, ter muita capacidade e felicidade; mas, lá dentro, está sempre emboscada a sombra da solidão. O homem rico, o homem pobre e que luta, o homem que escreve, que cria, o homem que adora — todos eles conhecem essa solidão. Quando se vê nesse estado, que faz a mente? Liga o rádio, abre um livro — foge do que *é* para algo que *não é*. Segui o que estou dizendo — não as palavras mas a sua aplicação, observando a vossa própria solidão.

Quando cônscia da sua solidão, a mente foge, evade-se. A fuga para a contemplação religiosa, ou para o cinema é a mesma fuga — fuga ao que *é*. O homem que foge por meio da embriaguez não é mais imoral do que o homem que foge por meio da adoração de Deus; os dois são iguais, ambos estão fugindo.

Se, ao observardes o fato de que estais na solidão, não houver fuga e, portanto, não houver luta na direção do oposto, então, em geral, a mente tende a condenar o fato,

pela medida do seu conhecimento. Mas, se não há condenação, nesse caso a atitude da mente com relação à coisa a que chama "solidão", passa por uma transformação completa, não é verdade?

A solidão, afinal, é um estado de auto-isolamento, porque a mente se fecha e segrega de todas as relações, e de todas as coisas. Nesse estado, ela conhece a solidão; mas se, sem condenar a solidão, a mente ficar vigilante, então, sem dúvida nenhuma, a solidão sofre uma transformação. Essa transformação poderá chamar-se "estar só" — mas pouco importam as palavras que empregamos. Nesse "estar só" não há temor. A mente que se sente solitária porque se isolou por meio de várias atividades teme aquela solidão.

Entretanto, se há um percebimento completamente isento de escolha — o que significa: isento de condenação — então a mente já não está solitária, porém "só", estado em que não há corrupção e não há nenhum processo de auto-isolamento. Precisamos estar sós, é necessário esse "estar só", no sentido que lhe damos. A solidão é um estado de frustração, o "estar só", não é; mas "estar só" não é o oposto da solidão.

Por certo, senhores, precisamos estar sós, *desacompanhados*, de todas as influências, todas as compulsões, todas as exigências, ânsias, esperanças. Porque, então, a mente já não estará entregue às atividades conducentes à frustração.

Esse "estar só" é uma coisa essencial, uma coisa religiosa. Mas a mente não pode alcançá-lo, sem compreender, no seu todo, o problema da solidão. Quase todos nós estamos solitários, todas as nossas atividades são atividades conducentes à frustração. O homem feliz não é um solitário. A felicidade é "desacompanhada", é a ação inerente ao "estar só", ação totalmente diversa das atividades da solidão.

O homem que foge por meio da embriaguez não é mais imoral do que o homem que foge por meio da adoração de Deus; os dois são iguais, ambos estão fugindo.

Tudo isso requer percebimento, um percebimento total do nosso ser completo, consciente e inconsciente. Como nós, em geral, vivemos somente na consciência superficial, no nível superficial da mente, as forças subterrâneas profundas, a solidão, o desespero e as esperanças estão sempre a nos frustrar a atividade superficial. É importante, pois, compreender a existência total da nossa mente; e essa compreensão nos é negada, se, no percebimento, há escolha, condenação.

● *Com certeza, apesar de tudo o que temos ouvido a respeito do* seguir, *temos consciência de que estamos continuamente* seguindo. *Como agir a esse respeito, já que isso é um mal?*

Nós sabemos que seguimos: seguimos o guia político, seguimos o *guru*, seguimos um padrão ou uma experiência. Toda nossa cultura e educação está baseada na imitação, na autoridade, no seguir. Afirmo que todo o seguir é um mal, inclusive o seguir a mim próprio. O seguir é uma coisa maligna, destrutiva; e, entretanto, a mente segue, não é verdade? Ela segue Budha, segue Cristo, segue uma idéia, uma Utopia perfeita — porque a mente se acha num estado de incerteza, e quer a certeza. O seguir é uma exigência de certeza.

Visto que exige a certeza, a mente está criando a autoridade — política, religiosa, ou a autoridade própria — e está sempre a copiar; por conseguinte está lutando incessantemente. O seguidor jamais conhece a liberdade que há em não seguir. Só se pode estar livre, havendo incerteza e, não, quando a mente está a perseguir a certeza.

A mente que está seguindo, está imitando, está criando a autoridade e, portanto, com medo. Este é que é realmente o problema. Todos nós

sabemos que seguimos, todos aceitamos certas teorias, certas idéias, alguma Utopia ou outra coisa qualquer, porque, muito profundamente, no consciente e bem assim no inconsciente, lá está o temor. A mente que não teme não cria o oposto e não tem o problema do seguir; não tem *guru*, não tem padrão; ela está viva.

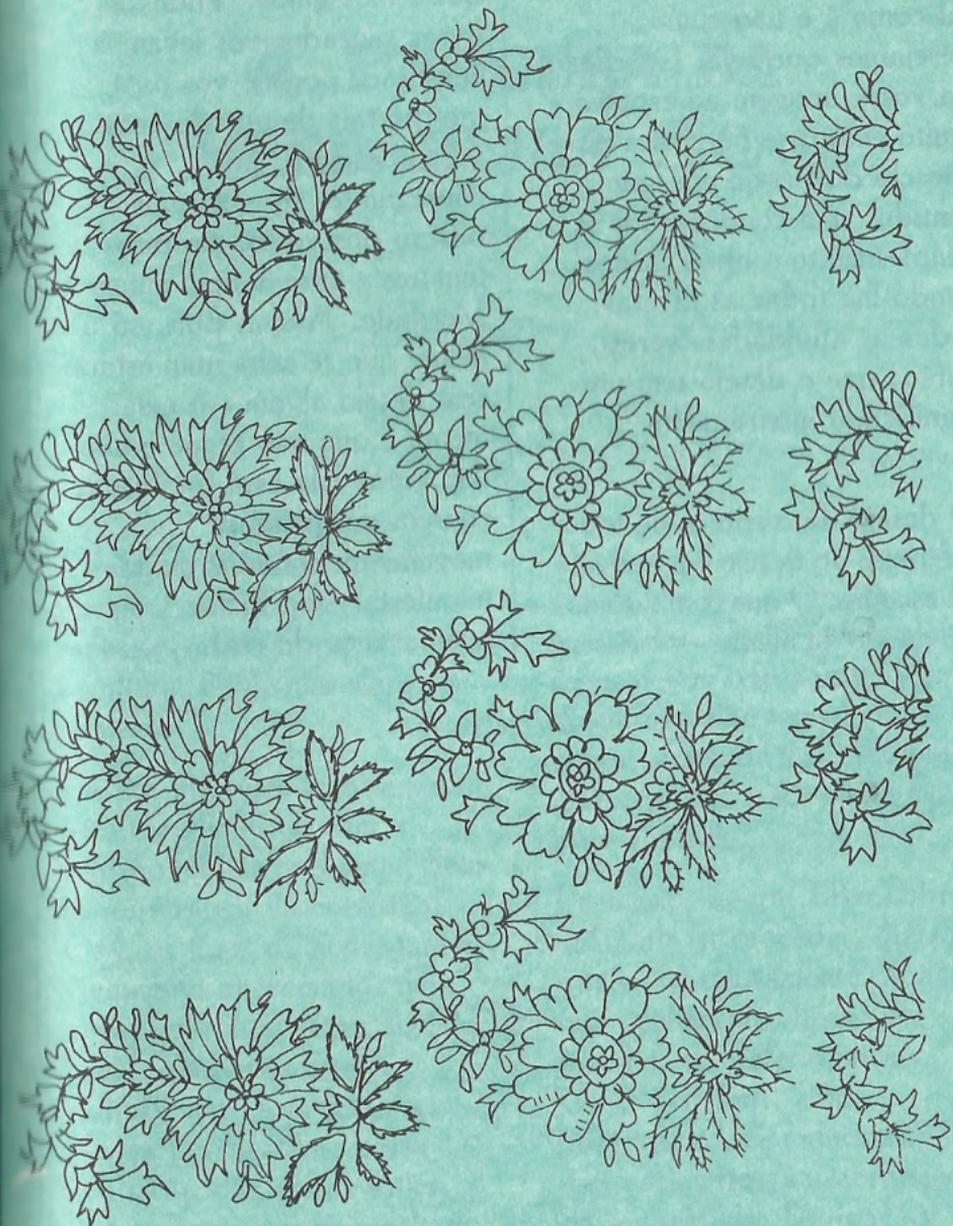
A mente se acha num estado de temor — medo da morte, medo de alguma coisa; e para ser livre entrega-se ela a várias atividades que conduzem à frustração; e surge, então, o problema: "pode a mente ficar livre do temor?" (não "*como*" ficar livre?). "Como ficar livre?" é uma pergunta de colegial. Desta pergunta resultam todos os problemas — a luta, a consecução de um fim e, por conseguinte, o conflito dos opostos. Pode a mente ficar livre do temor?

Que é o temor? O temor só existe em relação com alguma coisa. Tenho medo da opinião pública, tenho medo de meu patrão, de minha mulher, de meu marido; tenho medo da morte; tenho medo da solidão; medo de não alcançar, de não conhecer a felicidade nesta vida, de não conhecer Deus, a verdade, etc. O medo, pois, está sempre em relação com alguma coisa.

Que é esse medo? Se pudermos compreender a questão do desejo, o problema do desejo, poderemos, suponho, compreender o temor e ficar livres dele.

"Eu desejo ser alguma coisa" — eis a raiz de todos os temores. Quando desejo ser alguma coisa, meu desejo de ser essa coisa e o fato de que não sou essa coisa criam o temor, não só num sentido restrito, mas também no mais amplo sentido. Nessas condições, enquanto existir o desejo de ser algo, tem de haver temor.

Estar livre do desejo não é a projeção mental de um estado que o meu desejo me diz ser o estado em que devo achar-me. Temos de ver, com toda a simplicidade, o fato do desejo, temos de estar simplesmente

Só quando estivermos livres de toda e qualquer cultura, estaremos aptos a ver com clareza. Entretanto, se aceitamos uma cultura, oriental ou ocidental, ela atua como um veneno.

cônscios dele — como vemos num espelho, sem deformação, a nossa imagem, o nosso rosto, tal como é e não como desejamos que seja. O reflexo da vossa imagem no espelho é muito exato; se puderdes estar cônscio do desejo em igual sentido, sem condenação; se simplesmente o observardes vendo-lhe todas as facetas, todas as atividades, vereis, então, que o desejo tem um significado inteiramente diverso.

O desejo da mente é de todo diferente do desejo em que não há escolha. O que combatemos é o desejo da mente — o desejo de "vir a ser alguma coisa". É por causa dele que seguimos e que temos *gurus*. Todos os livros sagrados vos levam à confusão, porque vós os interpretais de acordo com o vosso desejo e, por conseguinte, só enxergais o reflexo dos vossos próprios temores e ansiedades, nunca a Verdade. Assim, pois, só a mente que se acha num estado sem desejo algum, só essa mente é que não segue e não tem *guru*. Ela está totalmente cônscia de qualquer movimento; só então pode manifestar-se a bem-aventurança do real.

A Procura da Verdadeira Ação

Desejo tratar de um problema um pouco difícil, e espero escuteis com interesse, não pelo resultado final, mas desde o começo.

Parece-me, nem o reformador nem o radicalista, têm a solução real do problema. Suas ações nascem da confusão. Ora, os mais de nós estamos vivamente interessados na ação; queremos fazer alguma coisa, queremos alterar radicalmente a ordem social. Nossa perspectiva, nossa avaliação das coisas estão sempre baseadas no resultado.

Tanto o reformador como o radicalista nos prometem resultados. Os dois estão muito seguros dos seus resultados; dizem eles não serem entes confusos; e tudo lhes está muito claro, no seu padrão de ação e de vontade.

Pretendo, agora, falar sobre um modo de proceder, que não é ação, absolutamente. A ação que conhecemos nasce da escolha, da determinação. Como sabemos, como observamos, no mundo, a ação tem várias formas: aceitação da autoridade, liquidação,

redistribuição, descentralização, etc. Mas eu acho que existe uma ação que absolutamente não é ação nem tão pouco reação. Conhecemos a ação que vem da escolha, da determinação, do desejo de resultado, de uma Utopia; mas tal não é a ação verdadeira, porque leva ao conflito, à luta entre o homem e o homem.

Cumpre-nos, pois, descobrir um estado de onde brote ação que não seja reação ou resultado da ação de um reformador ou radicalista. Considero muito importante descobrirmos se estamos confusos ou não, porque a ação resultante de um estado confuso não é ação verdadeira.

Todos sabemos que estamos confusos. Se não estivéssemos confusos, nossa ação poderia ter sido uma ação verdadeira. Nós, porém, não estamos certos. Nenhum ente humano — nem o capitalista, nem o comunista, nem o socialista — está bem lúcido. Mas, todos querem estar lúcidos e esse próprio desejo de clareza cria a ação produtiva da incerteza; porque, basicamente, todos estão confusos.

Acho ser muito importante admitirmos que estamos confusos. Mas ninguém quer admiti-lo. O reformista e o radicalista asseguram que sabem e que estão lúcidos; e sua ação, por conseguinte, nascida que é da confusão, produz inevitavelmente destruição e incerteza.

Ora, em geral, nós sabemos que estamos confusos, não numa só camada da consciência, porém completamente, das camadas conscientes às camadas inconscientes, mas não temos a coragem de admiti-lo. Se procurarmos compreender realmente a questão da ação, examinando-a, não verbalmente, não intelectualmente, teremos de admitir que estamos confusos; e é o próprio percebimento dessa confusão que produz uma ação que não é da mente.

Iniciamos todas as nossas ações

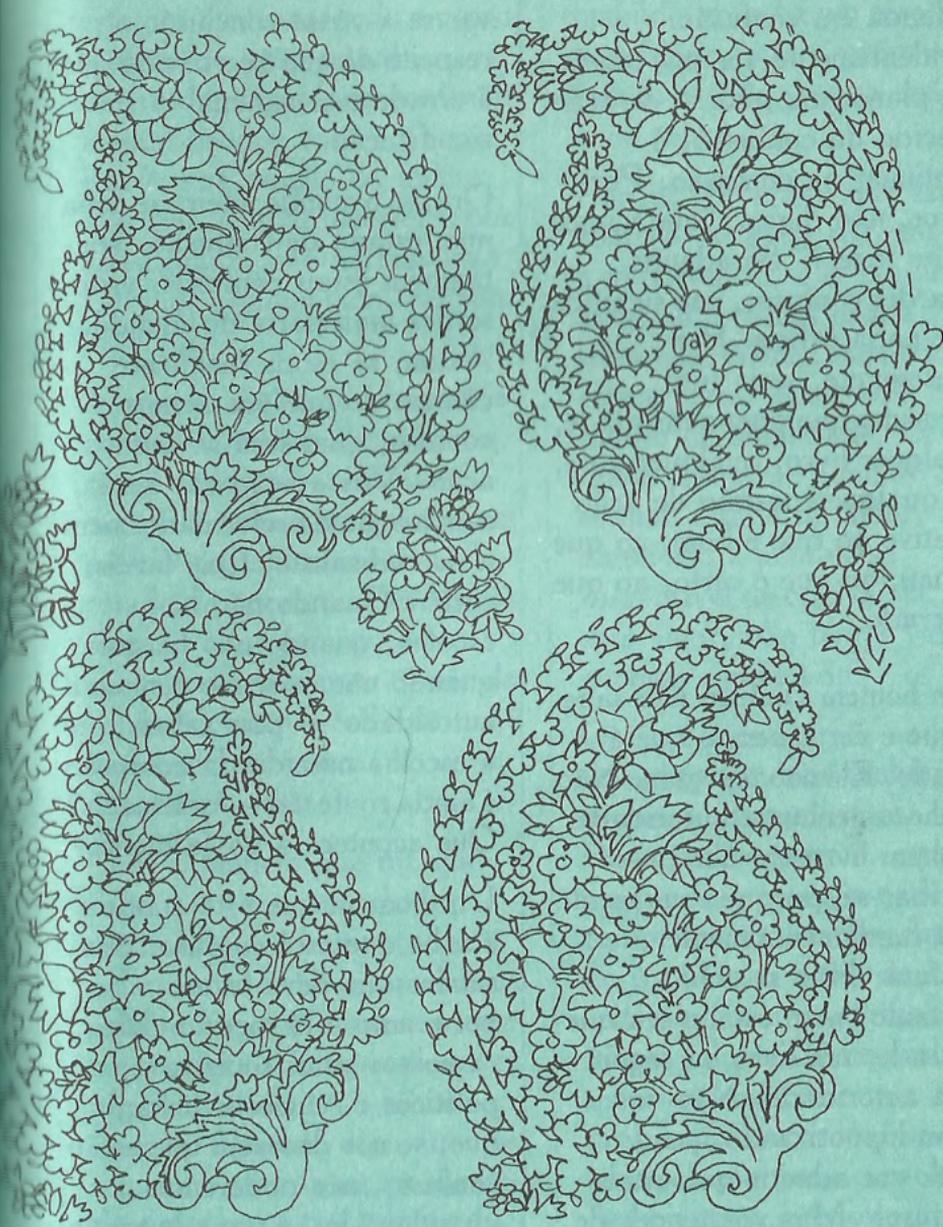
na suposição de que *sabemos*. Mas só dizemos que sabemos. Afora isso, sabemos alguma coisa? O reformista e o radicalista dizem que sabem, e impelem a outros para o seu padrão de ação, padrão que, com efeito, nasceu da confusão. Toda ação proveniente de uma mente confusa há de ser, forçosamente, uma ação confusa.

Estou confuso, e nesse confuso estado mental me persuado de que devo aceitar determinado modo de agir; mas, basicamente, eu estou confuso e de dentro desta confusão procuro criar a certeza, certeza que, essencialmente, é uma "certeza confusa". Atribuo-lhe, porém, um nome e um padrão, e algumas pessoas me seguem. Entretanto, o fato é que tanto essas pessoas como eu estamos todos confusos. Vós e eu estamos confusos. Nossos guias políticos, sociais e religiosos estão todos confusos. Se pudermos admitir esse fato, não meramente de maneira intelectual ou verbal, porém de um modo real, perceberemos que o resultado de toda ação dessa natureza tem de ser, necessariamente, confuso.

Cada um de nós tem de ver que todos basicamente estamos confusos. Mas é muito difícil admiti-lo. Ora, se estamos confusos, podemos dizer que devemos agir? Se eu estou confuso e percebo que estou confuso, o que aconteceria é que a minha confusão produziria a sua ação própria, que é a incerteza. Julgo importantíssimo compreender isto, porque então a ação se encarregará de si mesma. Por enquanto, não estou interessado na ação.

Acho necessário estabelecer-se uma relação entre vós e mim. Não creio na ação do reformista ou radicalista; o que me interessa é só a confusão. Por conseguinte, minha atitude é de humildade e não de asserção.

Vejamos agora o que acontece à mente que sabe que está confusa. Ela não tem guia

O amor não conhece o amanhã. O amor não é produto da mente. Como só estamos cultivando a mente, não sabemos amar; e a continuidade que damos à memória impossibilita qualquer forma de amor.

algum, porque escolher um guia quando se está em confusão é uma ação que redunda em confusão. Evidentemente, ter uma teoria, um plano, um padrão de ação nascido da confusão, é continuar na confusão. Por favor, não digais: "que vamos então fazer?" Se admitis estardes confusos, isso significa que nada sabeis. Por conseguinte, seria fútil seguirdes qualquer autoridade, qualquer livro, qualquer guia, ou qualquer padrão de ação relativo ao que é bom, ao que é mau, ao que é certo, ao que é errado.

Um homem confuso não sabe o que é certo nem o que é errado. Ele não tem guia. Não conhece nenhuma autoridade, nenhum livro em que possa estribar-se, porque a sua mente está fundamentalmente confusa. Não se acha, portanto, num estado em que possa ler um livro ou seguir uma autoridade. Não vos estou hipnotizando, para fazer-vos admitir que estais confusos. Mas vós tendes de pensar por vós mesmos, para verdes se estais ou não confusos, e, se estais, deveis ver se a vossa conclusão a respeito do que é certo e do que é errado tem alguma significação.

Ora, se o mundo inteiro se acha num estado de confusão, vós também estais confusos, visto serdes uma parte do mundo. Assim, se estais realmente cônscio de que vos achais confuso, qual será a vossa ação? Vossa ação não será nem a ação do reformador nem a do radicalista. Que fazeis, então? Quando não há escolha, quando não há guia, quando não se segue nenhuma autoridade — pois sabeis que a escolha nascida da confusão é ainda confusão — que fazeis? Que acontece à vossa mente?

Um homem que está confuso e sabe que está confuso, não sabe o que deve fazer, porquanto está incerto. Mas os nossos guias sociais, políticos e religiosos acham que, se nos disserem que estão confusos, nós poderemos abandoná-los, e por esta razão

ninguém se acha disposto a admitir que está confuso. Mas, uma vez admitamos que estamos confusos, todo o nosso padrão de ação estará destruído. A própria confusão mental produz uma ação que não é uma reação da mente, mas uma ação de incerteza; por conseguinte, não há nenhuma Utopia, nenhum guia, nenhum instrutor.

No vosso estado de completa confusão, tentais descobrir o que é verdadeiro. Muitos outros se acham como vós num estado de confusão, num estado de incerteza, e todos vos juntais. Mas como vos encontrais todos num estado de confusão, num estado de incerteza, há pouca cooperação entre vós.

Ora, o homem que diz que sabe, está na verdade se recusando a admitir que se acha confuso. Mas aquele que admite que está confuso e, por conseguinte, é incapaz de saber alguma coisa, é um homem sincero. Quando digo que não sei, no sentido mais profundo da palavra, estou admitindo que me acho confuso; por conseguinte, há um estado de humildade. Não me tornei humilde, mas *há* um estado de humildade, e esse próprio estado é ação, e essa ação é ação real.

Porque reconheço que estou confuso, os guias perdem toda a importância; não seguirei ninguém e minha mente estará tranqüila. Minha mente já não estará certa; achar-se-á num estado de humildade. O ser que é realmente humilde acha-se num estado de amor. Esse amor não é uma coisa susceptível de cultivar-se. Sem esse amor, não tem a vida nenhum significado.

Ora, os mais de nós andamos preocupados com problemas e as respectivas soluções. Deveríamos, porém, estar sempre interessados na compreensão e esclarecimento do problema, a fim de não criarmos mais problemas. Nossa solução de um problema serve apenas como raiz do problema futuro. Podeis achar uma solução para o problema de hoje; mas essa solução é de

tal natureza que transporta o problema para amanhã e dá nascimento a outros problemas, amanhã; quer dizer, não há uma solução real, absolutamente.

Pois bem, tendes vários problemas. Tendes o problema da morte, tendes o problema da frustração. Se transportardes para amanhã o problema da frustração, vós lhe aumentareis a força. Compreendei, por favor, a significação de tudo isso e a necessidade de se não criar a raiz de nenhum problema futuro.

Como posso eu, como pode a mente deixar de dar raiz ao problema de amanhã? Compreendeis o que estou dizendo? Se puderdes realmente compreender isto, vereis que não há mais problema nenhum. Tendes hoje um problema porque o estivestes fabricando nos últimos dias; a vossa mente, por conseguinte, não é nova; está sempre vivendo no passado, que já é morto. Mas, se compreendermos realmente um problema e não plantarmos as raízes de nossos problemas de amanhã, não haverá mais problema algum.

• *Tenho a paixão da bebida. Sei que a disciplina e o autocontrole não poderão salvar-me. Como posso então ficar livre do vício de beber?*

Há muitas razões pelas quais uma pessoa bebe. A frustração, a constante luta pela vida, a luta entre marido e mulher, as preocupações domésticas; e, desejando fugir dessas coisas, um homem dá para beber. Ora, a questão é esta: Como deixar de beber? A mera análise — análise da frustração, análise das vossas preocupações — poderá libertar-vos do hábito de beber? Quando souberdes por que tendes uma frustração, quando estiverdes cônscio

disso, então esse próprio percebimento, sem escolha, agirá e o hábito desaparecerá.

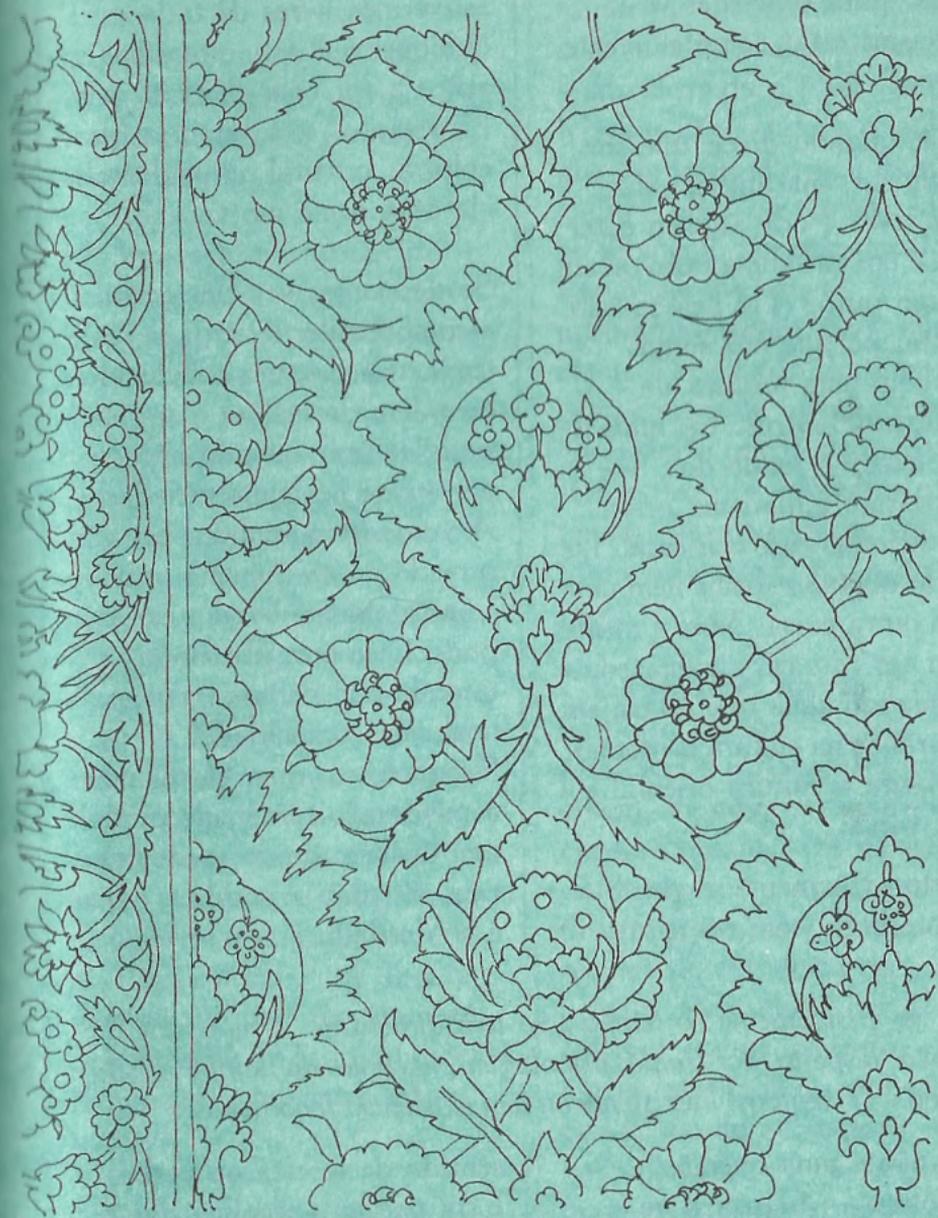
Vede, por favor, a importância do que estou dizendo. Vós conheceis os efeitos do beber. Suponhamos que, reconhecendo as conseqüências do beber, decidais deixar o hábito amanhã; nesse caso, estareis criando um problema para amanhã. Às vezes, também, acontece que, para abandonardes um hábito, adotais um método; mas esse próprio método se torna novo hábito.

Nessas condições, a mente nunca está verdadeiramente livre do hábito. Mesmo a rotina do *puja* ou da leitura de livros sagrados, constitui um hábito. Dir-se-á que é um hábito bom e respeitável e que um outro dado hábito é um hábito nocivo. Mas, psicologicamente, as duas coisas são hábitos. Se desejais ficar livres desses hábitos, deveis penetrá-los até às raízes. Se compreenderdes realmente que não há nenhum método, nenhum sistema de se deixar um hábito, vereis então a verdade; e essa verdade atuará em vós; não tereis de atuar sobre a verdade.

Os mais de nós desejamos atuar sobre a verdade; mas, se deixamos a verdade atuar sobre nós, ela produzirá então sua ação própria.

• *Sou hinduísta, e vós me convidais a deixar o hinduísmo. Posso ficar livre do hinduísmo?*

Esta questão é muito complexa. Temos de examiná-la com todo o cuidado, para a compreendermos. Ora bem, vós vos dizeis hinduísta e, por conseguinte, desejais seguir as tradições do hinduísmo. Ora, se desejais descobrir a verdadeira significação do seguir, se desejais descobrir se o seguir é, ou não, coisa nociva, tendes de ver se é

Se a mente puder libertar-se do seu condicionamento, dos seus desejos, de todas as disciplinas, padrões, acidentes, haverá então o libertar da mente do passado. Dessa liberdade virá o silêncio, a tranqüilidade mental.

realmente necessário seguirdes a vossa experiência, as vossas tradições e a vossa cultura. Mas, para poderdes vê-lo, precisais estar completamente livre.

Ora, quando dizeis que sois hinduísta, que quereis dizer com isso? Pode alguém dizer que é um hinduísta puro ou um ariano puro? Tal pessoa não existe, porque nós somos também uma mistura da cultura de outros. Os mais de nós temos o *fundo* do hinduísmo e mais um certo condicionamento ocidental. De modo que não somos nem uma nem outra coisa. Mas a mente quer ter raiz em alguma coisa e, quando acha que estará em segurança na cultura ocidental, ela larga a cultura oriental e vice-versa.

É isto exatamente o que está acontecendo com respeito a todos nós; a falar verdade, achamo-nos num estado de confusão. Só quando estivermos livres de toda e qualquer cultura, estaremos aptos a ver com clareza. Entretanto, se aceitamos uma cultura, oriental ou ocidental, ela atua como um veneno.

Se desejamos ver claramente e compreender a verdade real, torna-se necessária uma lucidez completa da mente; e isso só pode ocorrer quando não pertenço a nenhuma sociedade. A verdade só atuará sobre vós quando a vossa mente estiver completamente livre, e só poderá vir essa liberdade quando não pertencerdes a nenhuma comunidade. Significa isso que, só quando a mente não tem medo e não tem nenhum fundo, nenhuma raiz, só então se pode ver o que é a Verdade.

● *Fisicamente, o tempo não tem dimensão. Mas temos ouvido a respeito do tempo psicológico, distinto do tempo cronológico. O tempo é inexistente ou tem existência fenomenal?*

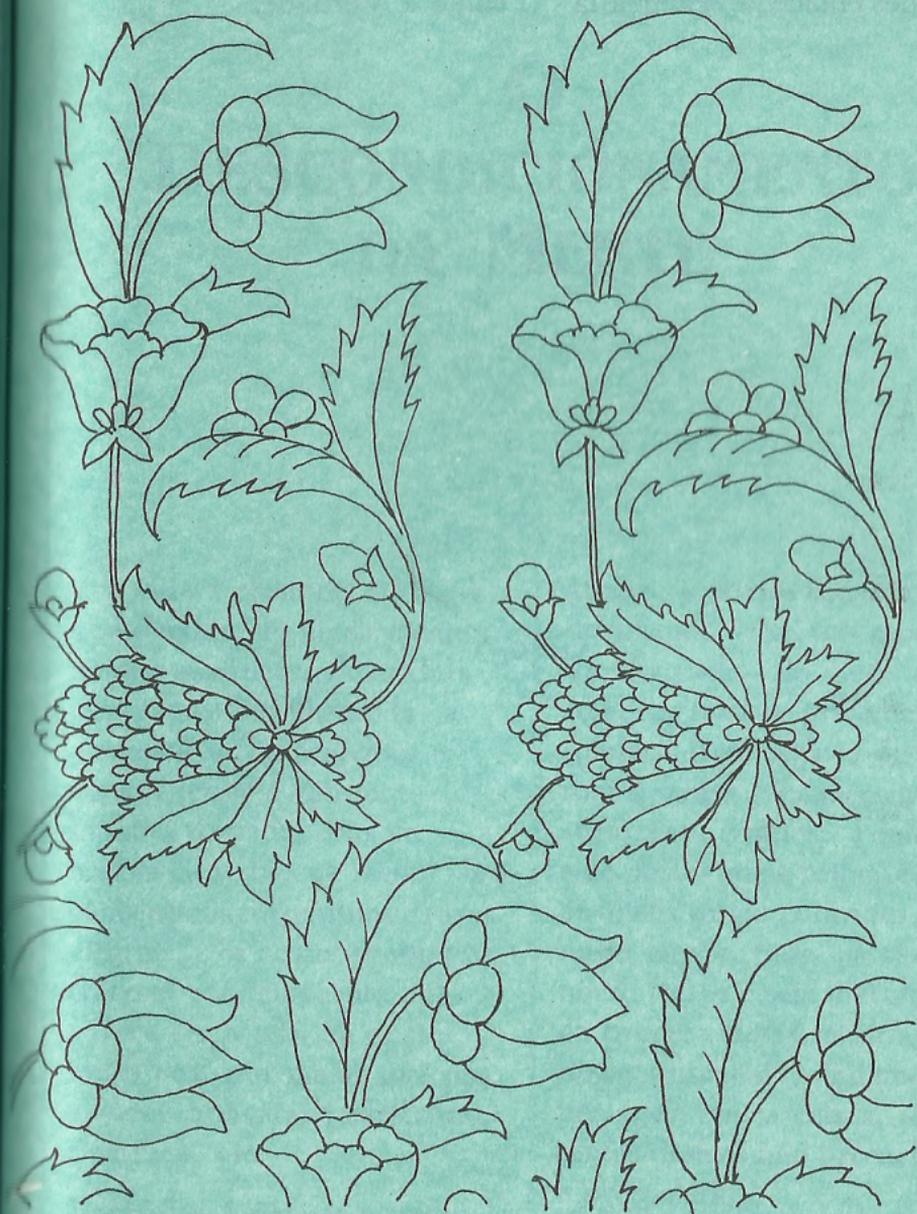
Isto não é uma questão filosófica — filosófica no sentido de teórica ou verbal. Esta pergunta implica que o

tempo tem existência fenomenal. Haverá um amanhã e houve um ontem. Temos, pois, o tempo cronológico, que é um fato. Mas há diferença entre o tempo psicológico e o tempo cronológico.

Há um tempo estabelecido pela mente, o tempo como distância que me separa do que serei, que me separa da idéia, da morte, do futuro, que me separa, como ente mortal, do ente imortal que me tornarei. Há um largo intervalo entre o que sou e o que serei. Não se pode negar o tempo fenomenal. Mas o tempo que a mente cria, esse tempo tem realidade? Há *o que é*. Penso que *eu* deveria ser uma outra coisa diferente do que sou. Há a distância entre o que eu sou e o que eu serei, conforme o meu desejo de me tornar imortal, etc. Há, aí, duas coisas: o que *é* e o que deveria ser. No momento em que introduzo o fator do desejo de modificação, introduzo o tempo.

Suponha-se que eu seja estúpido. O meu ser estúpido é um fato. No momento, porém, em que digo dever tornar-me inteligente, estou condenando a minha estupidez e introduzindo o fator tempo. Mas, se não condeno o fato de que sou estúpido, não há mais então a idéia do tempo. Mas, no momento em que decido tornar-me inteligente, introduzo o tempo. Ora, minha mente é resultado do tempo, e, por meio da mente, vou conseguir o que desejo. Minha mente, pois, é equivalente ao tempo. Mas só há um único fato e este fato é: o que eu sou hoje.

Consideremos, agora, a coisa de outro modo. A mente é o resultado do pensamento de ontem, de hoje, e daquilo que ela será amanhã. A mente é resultado dos pensamentos, das tradições, das idéias, dos séculos de existência do homem. A mente é o EU. O futuro é o desconhecido; e a mente, resultado do conhecido, está tentando alcançar o desconhecido. A mente nunca pode estar livre do passado.

A mente cheia de inquietações, preocupada com a salvação da humanidade, reformas sociais, aquisição de conhecimentos, nunca será capaz de escutar, porque nela não existe espaço onde possa medrar uma semente nova.

Mas, se examinardes a questão com muita atenção, se puderdes realmente examiná-la com toda a precisão, o passado se reduzirá a cinzas. Vereis então a Verdade.

O Descondicionamento da Mente

A vida é cheia de acidentes, que deixam em nossa mente muitas cicatrizes. À medida que vamos envelhecendo, a acumulação de acidentes e experiências, a constante batalha da vida, deixam muitas cicatrizes na mente. Só conhecemos sofrimentos e raras alegrias, e os nossos problemas crescem continuamente; tal parece ser a sina de quase todos nós, por maior que seja a nossa capacidade intelectual, científica, etc.

Parecemos carregar a nossa mente com atividades de todo gênero, e nossos corações vão definhando, com o sentimento da frustração, do medo e da sombra, sempre presente, da solidão. Bem poucos de nós somos felizes e conhecemos o sentimento criador. Tendo sido postos numa rotina, torna-se muito difícil curarmos a nossa mente, para ela ser, de novo, fresca e sem mácula. E, na procura dessa felicidade, desse sentimento, andamos a perseguir tantas coisas, temos tantos desejos não preenchidos e preenchidos!

E a nossa sociedade, a nossa

cultura, os nossos pais, os nossos vizinhos, maridos, esposas, estão-nos a todas as horas assaltando a mente, moldando-nos, condicionando-nos, de modo que quase já não somos indivíduos, embora tenhamos um nome próprio e uma fisionomia especial. Se temos boa sorte, possuímos uma casa e um pequeno depósito no banco, bem como uns poucos predicados, ou seja o que chamamos individualidade. Mas, afora o nosso nome e apoucadas qualidades e aquelas "águas estagnadas" que chamamos nossa mente, nós não somos, de modo nenhum, indivíduos; somos entidades condicionadas, com muito pouca liberdade.

Pensamos que somos livres, quando escolhemos; mas não somos livres, somos? Onde há escolha não há liberdade, porque a escolha, justamente, resulta do nosso estado condicionado. Pensamos ter uma vontade própria, que exercemos, na escolha. Entretanto, se observardes vereis ser essa vontade o produto de inumeráveis desejos, de muitas formas de frustração e medo; e que essas frustrações, temores, desejos são o produto do nosso condicionamento, nosso *fundo*.

Nessas condições, quando escolhemos nunca somos livres. A escolha, em si, indica falta de liberdade. Um homem realmente livre não faz escolha; ele é livre, não para fazer isso ou aquilo, mas para *ser*. Enquanto fazemos escolha, não somos verdadeiramente livres e não somos indivíduos reais.

Muito importa compreender isso, porque, em geral, vivemos escolhendo — uma virtude, uma pessoa, uma ação — e a escolha conduz invariavelmente ao sofrimento; não há boa escolha e má escolha. Só a mente livre da escolha é capaz de perceber o que é verdadeiro. A verdade não vem através da escolha. A verdade não vem em virtude da capacidade de escolher entre isto e aquilo, entre o certo

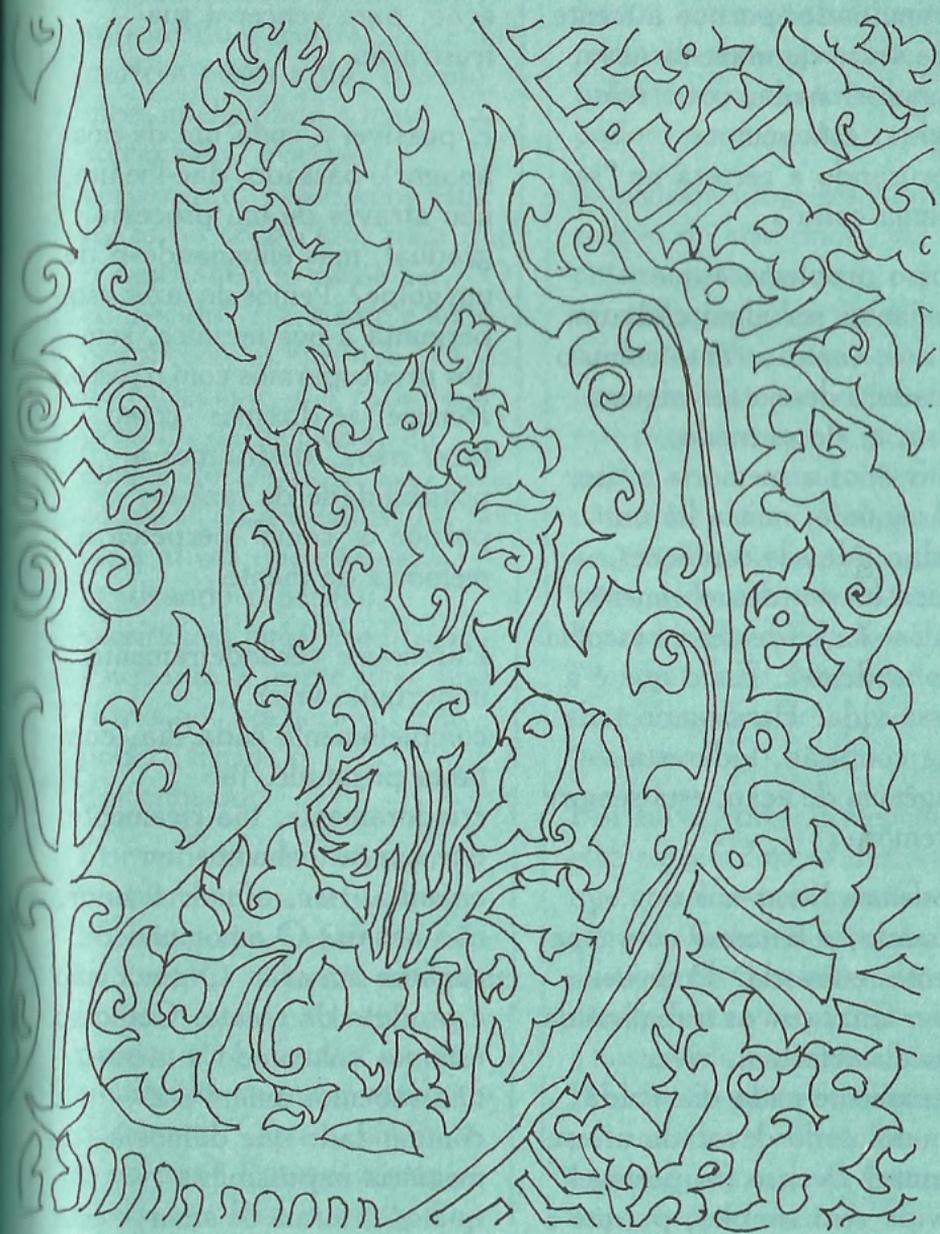
e o errado; pelo contrário, toda escolha resulta de nosso condicionamento, que se baseia no temor e na avidez. Nós, vós e eu, nos dizemos indivíduos, mas, de fato, não somos indivíduos. Só quando estamos livres do *fundo*, do condicionamento, existe a verdadeira individualidade; e isso requer muita reflexão e investigação.

Falemos, agora, acerca da criação, que acho tão essencial neste mundo tão cheio de confusão, onde a mente se vê avassalada pelos sistemas, pelos métodos e está, a todas as horas, em busca da certeza, através dos métodos, da ação e, por conseguinte, impedida de ser livre, para ser criadora, para compreender o que é aquela realidade criadora.

Infelizmente, a maioria de nós nunca experimenta diretamente uma coisa verdadeira, porque temos lido muito e ouvido muitas conferências e acumulado muitos conhecimentos; e, porque lemos, comparamos. Se se souber escutar a todas as coisas da vida, com uma profunda atenção interior, ver-se-á então surgir a liberdade, apesar de todos os acidentes que ocorrem à mente, apesar de todas as frustrações, apesar de todas as estúpidas atividades que a nenhuma parte nos conduzem.

É possível à mente que está acumulando tanto saber, que tem tido tantas experiências, através de séculos, e na qual cada acidente deixa um resíduo que se chama memória, é possível à mente ficar livre de tudo isso, de modo que se torne rejuvenescida, fresca? A meu ver o problema real concernente a todos nós é o de renascer e nunca deixar espaço para a memória, para o amanhã.

Acho de suma importância compreender este ponto, porquanto a vida de quase todos nós é uma série de continuidades, sempre quebradas e de novo recomeçadas. Nossa vida diária de rotina, de ganhar o sustento, de desenvolver atividades sociais, é, todavia,

Temos tantos problemas na vida, não só os problemas da superfície — econômicos e sociais — mas também os problemas inconscientes... Esses problemas são o resultado, o fruto da nossa confusão, da nossa luta interior.

uma continuidade, sempre na mesma direção. Não há jamais uma libertação dessa continuidade, porque a mente teme viver de maneira nova, sem saber nada, pois, sem dúvida, está sempre procurando a certeza no "ser alguma coisa".

Nosso problema é que desejamos ser algo; cada um de nós, tanto o santo como o pecador, deseja ser alguma coisa; e, desse modo, cultivamos a memória e, por conseguinte, nunca há um findar. Nessas condições, nunca há um descobrimento real; só há acidentes e a escolha dos acidentes. Eis o que é a nossa vida. Permeando toda esta confusão, toda esta exigência de ação, está sempre o temor.

Podemos livrar-nos do passado, e renascer com uma mente renovada? Pode-se viver feliz, sem os trabalhos da busca intelectual, viver plenamente cada dia, cada minuto, todo devotado a esse minuto? Se isso for possível, a vida será simples, porque o homem feliz não tem problema algum. É o homem infeliz, o homem frustrado que busca a ação, para vencer a sua frustração.

É possível a cada um de nós apagar o passado, dar-lhe fim, não através de um processo gradual, mas eliminando-o de um golpe? Temos de fazer esta pergunta a nós mesmos, sem nos preocuparmos com o resto. Porque, se dizemos "*como* fazer isso?" destruímos a possibilidade de fazê-lo, porque o "como" perpetua a memória da mente.

Parece-me verdadeiramente importante viver completamente cada dia, com tanta plenitude, tão criadoramente, tão ricamente, que nunca tenhamos um *amanhã*. Isso, afinal, é amor, não achais? O amor não conhece amanhã. O amor não é produto da mente. Como só estamos cultivando a mente, não sabemos amar; e a continuidade que damos à memória impossibilita qualquer forma de amor; e esta

é uma das nossas dificuldades.

Só conhecemos infelicidade, sofrimento e frustrações; e daí parte a nossa ação, criando mais infelicidade e mais sofrimento. Portanto, certamente, precisamos estar livres do conhecido, para que o desconhecido possa ser. "O conhecido" é a mente e suas ocupações. A mente só é capaz de raciocinar, e a razão é produto da memória, do conhecido. A razão não pode conduzir ao desconhecido, por mais ativos que estejamos — praticando o perdão, sacrifícios, ritos, meditação. Enquanto a mente tiver suas raízes no "conhecido", não poderá existir o desconhecido.

Por conseguinte, o nosso problema é realmente o de libertarmos a mente do conhecido. A mente não pode libertar-se do conhecido, porque ela própria é o conhecido, já que é resultado do tempo. Qual é, então, o problema? Entendeis esta pergunta? Minha mente é resusltado do conhecido; minha mente só pode funcionar dentro do conhecido; e meu problema é este: como pode a mente, resultado do tempo, deter o seu próprio movimento? Como pode o pensamento cessar?

O pensamento é resultado ou reação do conhecido, de ontem, de todas as acumulações, das feridas, dos acidentes, das frustrações, dos temores. Como pode cessar esse pensamento? A mente não pode fazê-lo cessar. A mente não pode dizer "vou pôr fim ao pensamento", porque neste caso, o pensamento estaria separado da entidade que diz "vou pôr fim". A entidade que deseja esse findar é produto do pensamento.

Por favor, prestai atenção a esse extraordinário mistério, que a mente é incapaz de sondar. Existe o assombroso mistério do desconhecido; e se não permitimos que ele opere, a nossa vida é sem significação. Podeis ser muito inteligentes, possuir a mais maravilhosa das mentes; mas, se não houver a compreensão daquele

desconhecido, se aquele desconhecido não puder manifestar-se, nossa vida será sem significação. Não conheceremos senão sofrimentos, perigos, frustrações.

Nessas condições, se pudermos ver que a mente não pode em tempo algum achar o desconhecido; que, sem o desconhecido, nenhuma significação tem a vida, que é só tortura, sofrimento, dor; e que a mente nada pode fazer, porque todo movimento da mente é produto do conhecido, movimento do conhecido; se a mente perceber tudo isso, ela se tornará tranqüila.

A compreensão de que todo movimento da mente é produto do conhecido, essa compreensão é meditação. Há necessidade de meditação, na vida — não da estúpida meditação ortodoxa, que não é meditação, mas auto-hipnose; precisamos estar cônscios de todo o processo do viver, todo o processo da escolha, de como a escolha nega a liberdade, visto que a escolha é produto do nosso *fundo* (background). A libertação da mente desse fundo, a libertação da mente de todo condicionamento é o verdadeiro libertar.

O processo pelo qual a mente se liberta do desejo de ser alguma coisa, esse processo é meditação. Nele, dá-se a libertação da mente do conhecido; então a mente se torna tranqüila. Ora, essa quietude, essa tranqüilidade da mente não é uma coisa que se possa conhecer ou experimentar, sem se "descondicionar" a mente. Não é uma coisa que se possa procurar. Se a procurais, essa procura será apenas uma outra forma de auto-hipnotismo, uma ilusão, sem nenhuma realidade.

Se a mente puder libertar-se do seu condicionamento, dos seus desejos, de todas as disciplinas, padrões, acidentes, haverá então o libertar da mente do passado. Dessa liberdade virá o silêncio, a tranqüilidade mental.

Essa tranqüilidade não pode ser *feita*, mas ocorre quando a mente é livre. É a tranqüilidade do movimento extraordinário, em que não se visa a coisa alguma. Não há busca, nessa placidez, que não resulta de nenhuma frustração, experiência ou desejo. O que está num movimento extraordinário, numa velocidade extraordinária, está quieto. E dessa tranqüilidade surge o mistério da criação, aquela verdade não mensurável pela mente; e, sem essa verdade, a vida só pode significar mais sofrimento, mais malefícios, mais frustração.

Somos infelizes seres humanos, que queremos escapar da nossa infelicidade por meio de atividades de toda ordem; somos entidades solitárias, e queremos encher a nossa solidão com conhecimentos, atividades, divertimentos, Escrituras; mas esse vazio não pode ser preenchido e só será possível acabar com ele quando a mente compreender que está solitária, e não tentar disfarçar a sua solidão ou dela fugir. É necessário passarmos por essa solidão, para alcançarmos a tranqüilidade; então, por certo, se manifestará a ação criadora da Verdade.

Esta questão não requer um empenho contínuo. Tudo o que é contínuo é produto de uma mente que está *determinada*, da mente que diz "eu serei", e perpetua, por conseguinte, a memória de si mesma. Mas a qualquer momento em que se sinta um empenho sério, momento que poderá durar só meia hora — e tanto basta — nesse momento existe a percepção sem escolha, o percebimento de nós mesmos como num espelho, sem deformação, o percebimento da coisa exatamente como *é*. Esse próprio percebimento do fato produz a libertação, a liberdade.

Quando, porém, no espelho do percebimento vos vendo assim como sois, condenais e desejais modificar essa imagem, reformá-la, dar-lhe um certo nome, desse modo, lhe conferis uma continuidade. Mas, se

Quem pede, em geral recebe o que pede; mas o que recebe pode não ser a verdade, e geralmente não é a verdade. Não podeis chegar-vos à verdade como um pedinte.

ficardes simplesmente cônscio da imagem refletida naquele espelho, vereis desaparecer tudo o que *foi;* e esse percebimento traz a liberdade, uma quietude da mente em que há felicidade.

O importante é não dar-se raiz a nenhum problema. Nós temos problemas, eles existem. Todo acidente é um problema; mas não lhe darmos um futuro, não lhe concedermos um minuto em que ele possa enraizar-se, tal é o problema — não aquele que estamos carregando, em nossa mente. Quanto mais a mente pensa num problema, tanto mais está preparando o solo para ele enraizar-se.

O problema não é o de saber como resolver um problema, mas como não dar ao problema que tenho, uma continuidade. É a continuidade — e não o problema de ontem — que cria o problema. Se conheço, se percebo a verdade disso, ocupar-me-ei, então, com o problema de modo inteiramente diferente; darei cabo do problema, em mim mesmo, tão logo ele surja, com o não deixá-lo enraizar-se — o que significa: não apreciar nem condenar; e isso, com efeito, significa possuir a extraordinária qualidade da humanidade.

A mente trivial tem sempre algum problema; a mente pequenina está sempre ocupada, e essa ocupação prossegue dia por dia. A mente trivial nunca é capaz de resolver o problema, porque tudo o que ela resolve, tudo o que ela pensa a respeito do problema, é sempre trivial, limitado, confuso. O mais que a mente trivial pode fazer é não dar ao problema um futuro.

Se a mente tem um problema e não lhe dá um futuro, ela já não é trivial, porque não está ocupada; a mente ocupada é que é trivial. A mente não ocupada se assemelha a um rio, que tudo recebe, os esgotos da cidade, cadáveres, coisas boas e coisas más; e, uma vez que está em movimento constante, já não é água estagnada, mas uma torrente viva; nela, tudo vive; ela não está morta.

Assim, pois, a mente que tem um problema e está ocupada, não pode compreender o seu próprio problema; o que pode fazer é só dar fim à sua continuidade e nunca proporcionar solo propício ao problema, no amanhã da sua memória.

Tudo isso pode parecer muito difícil; mas não é, se realmente observardes como a vossa mente gosta de dar continuidade a um problema, dia após dia. Vossa mente está ocupada com alguma coisa — com o que diz o vizinho, ou o Livro, ou com a finalidade da vida — traçando perenemente as suas próprias rotinas. A mente ocupada é uma mente trivial, e a mente trivial há de ter sempre problemas.

• *Não basta as pessoas ouvirem. Para compreenderem o que lhes é ensinado, devem elas ser nutridas e educadas num estudo cuidadoso e na exploração dos ensinamentos e por meio de livros relativos ao assunto, bem como pela organização de grupos de estudo. Só assim haverá compreensão. Tenho ou não razão?*

Esta pergunta supõe o intermediário, o intérprete, o sacerdote, não achais? "*Eu* compreendo, mas outros não compreendem." "Compreendo um pouco e quero partilhá-lo" — e isso é coisa muito diferente. Investiguemos pois, cabalmente, esta questão.

Quem é que cria o intérprete, o intermediário? Vós mesmo. Quando se compreende uma coisa diretamente, não se necessita de intérprete, intermediário, sacerdote. Mas, se eu não a compreendo recorro a alguém, para que me explique, e esse alguém a explicará de acordo com o seu condicionamento, conforme a sua aptidão. Crio, assim, o intérprete, o sacerdote, o sub-instrutor. Sou indolente, não estou cônscio de mim mesmo — que é um fato tão simples: não preciso ler livros a esse respeito, pois o fato é tão claro! Estar cônscio de vós mesmo em todas as coisas que fazeis,

observardes a vós mesmos — não de acordo com um dado padrão, pois isso não é observar — observardes a vós próprios quando falais, ao jantar, à mesa, no escritório; observardes e vedes como condenais, como sois cruel; observardes tudo, com simplicidade, observardes sem fazer escolha; para isso não se precisa de intérpretes e intermediários.

Saberdes, simplesmente, o que está acontecendo na vossa mente, saberdes, por vós mesmo — e não de acordo com outra pessoa — como a vossa mente funciona, isto não é difícil; não se necessita, para isso, de intérpretes ou intermediários. Mas necessitais de intérpretes e intermediários se estais assustado, se não conheceis a vós mesmo e por isso recorreis a alguém. Não há um seguir bom e um seguir mau; quer estejais seguindo politicamente, religiosamente, quer estejais seguindo vossas próprias experiências ou ideais, todo seguir é mau, uma vez que cria a autoridade e cria o seguidor.

A mente que diz: "Eu não sei, mas vós sabeis; explicai-me pois, dai-me um lugar garantido no céu" — essa mente cria os intermediários, os intérpretes, os sacerdotes — que irão agir para vos salvar. Os guias políticos, os sacerdotes, os comissários ou os pobres padres católicos, todos são iguais, porque os seus seguidores dizem "nós não sabemos".

Escutai, por favor; ainda que já tenhais ouvido isto muitas vezes, escutai-o como se fosse a primeira vez. Se o escutardes como se fosse a primeira vez, isto terá significação e terá profundeza. Mas, se dizeis, "já ouvi isto centenas e milhares de vezes, pois vos acompanho há vinte e cinco anos, e sei o que ides dizer", não estais experimentando diretamente o que digo e, por conseguinte, o vosso mero escutar das palavras não tem significação.

Enquanto a mente busca a

certeza, tendes de ter intérpretes; a mente que está buscando a certeza nunca é livre e está sempre assustada; a própria exigência de certeza a respeito de alguma coisa — um ideal, uma relação, uma verdade que se quer saber ao certo — supõe que tendes necessidade de um intermediário, de alguém que possa ajudar-vos. Se, porém, aquilo que ouvistes for verdade *para vós* — não de acordo com alguém, mas se for realmente verdadeiro para vós — falareis então corretamente, dançareis corretamente, vivereis, amareis, criareis; não precisais então de criar autoridade alguma, não tereis de seguir ninguém, não pertencereis a nenhuma sociedade.

A dificuldade, porém, é que a maioria de nós está tão incerta e tão confusa, em nós mesmos, que precisamos de ajuda; mas a ajuda que queremos é a ajuda que um cego dá a outro cego. Mas existe uma ajuda, que vem quando sei que estou confuso, incerto, e permaneço nesse estado. Saber que estou incerto, saber que estou confuso, saber que nada sei, este próprio estado é um estado de humildade, não achais? — um sentimento profundo de humildade, que cria sua ação própria. Um homem que é "nada" (ele não diz intelectualmente que é nada, mas o sabe, interiormente, sabe que no estado de incerteza um homem só pode ser *nada*) esse homem não necessita de nenhum intérprete.

Cuidado com os intérpretes, guardai-vos deles! Os intérpretes só vos podem dar certeza, não podem dar-vos liberdade. A liberdade só aparece no meio do percebimento completo do processo total do viver.

• *Um homem precisa morrer para renascer; no findar há um começar. Mas, para nós, todo findar é sofrimento, seja o findar*

O problema não é o de saber como resolver um problema, mas como não dar continuidade ao problema. É a continuidade — e não o problema de ontem — que cria o problema.

da vida, seja o findar de uma experiência rica e feliz. Como posso perceber a verdade a respeito desse findar?

O que vedes é só o fato de que tudo o que tem continuidade, tudo o que prossegue no tempo, está sempre em sofrimento. Só conheceis esse fato, não é verdade? — com ocasionais e raros momentos de deleite, de alegria; mas, em geral, o que conheceis é só sofrimento. O sofrimento vem junto com as inumeráveis aptidões do "eu", do "ego". Tendes de perceber, tendes de compreender que tudo o que continua, psicologicamente, interiormente, traz sofrimento.

Não sabeis que aquilo que tem fim, tem sempre frescor, tem sempre um novo começo? Se eu não termino os meus pensamentos de hoje, se não os completo, se não os levo até ao fim, hoje mesmo, transportarei esses pensamentos para amanhã; e, nisso, não há frescor, uma coisa nova; a mente se torna morta. Mas se vejo simplesmente esse fato, tanto basta. O próprio percebimento, o próprio reconhecimento do fato, sem escolha, sem condenação, é o findar em que há renovação.

Entretanto, não queremos o novo, não queremos renascer. O que queremos é só que nos ponham *certos*. Afinal, o que queremos é a permanência, uma continuidade para nós mesmos, com os sinais do permanente — uma casa permanente, uma relação permanente, um nome permanente, uma família permanente, uma continuidade de atividade, de sucesso — é só isso que queremos.

Não queremos revolução nenhuma, não queremos morrer cada dia para todas as coisas; queremos é perpetuar a memória; eis por que nos exercitamos e disciplinamos e resistimos, pois a mente tem tanto horror a qualquer estado de incerteza. É só a mente incerta que pode descobrir, e não a mente certa. Só a mente

que sabe que está confusa, e que, nessa confusão, se mantém quieta, só essa mente é capaz de descobrir. A mente, porém, que está certa, a mente que tem continuidade, que tem uma série perpétua de lembranças, essa mente nunca pode descobrir a verdade.

Nessas condições, só a mente que chega a um fim, em cada dia, pode encontrar, cada dia, a Verdade. A verdade é uma coisa que se precisa descobrir momento por momento; a verdade não tem continuidade no tempo. O que continua, acha-se num estado de permanência, reconhecível pela mente; portanto, a mente que tem continuidade, que tem associação, que é processo de reconhecimento, essa mente nunca pode achar o que é real. Só a que percebe a falácia de tudo isso e, por conseguinte, sem fazer qualquer escolha, chega a um fim, só essa mente pode ser criadora; só ela pode receber a força criadora da Verdade.

- *Qual a relação entre mim e a minha mente?*

Examinemos esta questão de modo que vós e eu experimentemos diretamente o que se está dizendo. Isto é um processo de meditação, e sem meditação não há sabedoria. A sabedoria nasce com o autoconhecimento. Quando conheço a mim mesmo tal como sou — e não de acordo com o que outros instrutores disseram, ou outra pessoa qualquer disse — quando sei o que sou, momento por momento, isto é autoconhecimento; e esse autoconhecimento só pode nascer pela meditação. Meditação é estar cônscio de todos os conflitos, no espelho das minhas atividades, das minhas relações, dos meus estados. Investiguemos, pois, esta questão: a relação que há entre mim e a minha mente.

A mente difere de mim? Eu sou diferente, o observador, o

pensador, é diferente do pensamento?

Digo: "Eu penso". O pensamento é diverso da entidade que diz: "estou pensando"? Dizemos que as duas coisas são separadas, que o "eu" pensa ser diferente do pensamento. Presumimos que o "eu" vem em primeiro lugar; o "eu", o "ego" é o pensador; primeiro este, depois o pensamento, a mente. Separamos, pois, o "eu" e a mente. Mas, isto é um fato? Podeis dividi-lo, mas, na realidade, o "eu", o pensador, difere da consciência que diz que pensa, que existe? Pode-se retirar as qualidades do diamante e dizer que o restante é diamante? O "eu" tem muitas qualidades, muitas memórias, muitas atividades, experiências, temores, frustrações, que são, todas elas, produto da mente, não é verdade?

Retirem-se todas as vossas qualidades — existe então "vós"? A mente é o "eu". Pensa a mente que há o "eu superior" o *Atman*, *Paramatman* — cada vez mais alto — mas isso, não obstante, é coisa que a mente "projeta"; a mente se dividiu em "eu" e "pensamento".

Afinal, que é a mente? A mente, por certo, é tanto o consciente como o inconsciente. O mar não é só a superfície das águas, que se vê brilhar ao sol, cheio de vida; é toda a profundidade das águas que faz o mar. Identicamente, a nossa mente é todo o conteúdo, quer estejamos cônscios dele, quer não. Está a mente tão ocupada, tão cheia de atividades e problemas, que nunca tem tempo para indagar, investigar, descobrir, "pescar" no inconsciente.

Sabemos o que é o inconsciente; ele é muito simples. Nossos "motivos", nosso saber acumulado, nossa coleção de experiências e temores, esperanças, ânsias, frustrações — tudo isso é a nossa consciência; o desejo de Deus e a criação de Deus — tudo isso é a consciência. Assim, pois, a separação do "eu" e da mente não

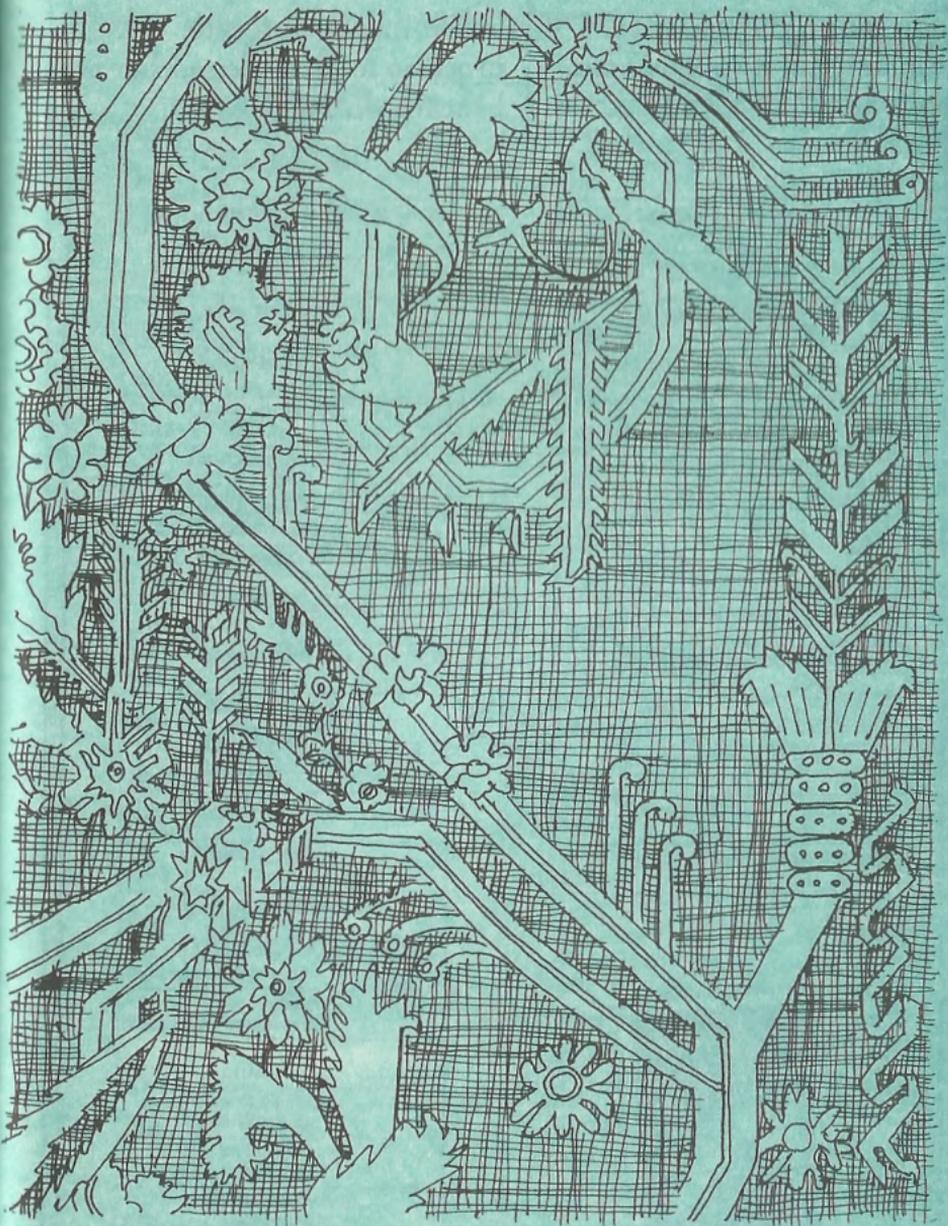
corresponde a nenhuma realidade.

Por favor, vede bem isso, compreendei-o. A totalidade da consciência é o "eu" — o "eu" que tem um emprego; o "eu" que tem mulher, que tem marido; o "eu" que é invejoso, ambicioso, ávido; o "eu" que avalia; o "eu" que tem uma tradição; o "eu" que quer achar a Realidade, Deus; o "eu" que é trivial, ambicioso — tudo isso é a mente, tudo isso é a consciência. Essa consciência — podeis guindá-la às maiores alturas, chamá-la *atman*, *paramatman*, ou seja o que for — essa consciência é sempre produto do tempo, é sempre a consciência. Ora, com essa consciência, desejais encontrar algo situado além dos limites da mente; mas nunca encontrareis esse algo.

Podeis ter tranqüilidade, ocasionalmente, quando a consciência total está tranqüila, de alto a baixo; e podeis sonhar com algo inimaginável, imensurável, porque no sonho a vossa mente, a vossa consciência, pode por acaso estar quieta. Mas, quando se está cônscio de todo esse processo, sem se fazer escolha, quebra-se esse padrão de consciência e pode-se então perceber uma placidez real na totalidade da consciência. Isso é algo que está muito além dos limites da mente.

Mas o querer-se alcançar o que está além dos limites da mente, nenhuma significação tem. O que eu digo ou o que outro diz nada significa. Significativo é que se tenha o percebimento completo dessa consciência e de todas as suas numerosas camadas. Esse percebimento não pode ser aprendido pela análise; a coisa pode ser conhecida, totalmente, pela observação.

Conhecer o processo integral da mente — todas as suas inclinações, "motivos", propósitos, seus talentos, suas exigências, seus temores, frustrações e êxitos felizes — conhecer todas essas coisas significa estar tranqüilo e não permitir que elas atuem. Só

Ora, o homem que diz que sabe, está na verdade se recusando a admitir que se acha confuso. Mas aquele que admite que está confuso e, por conseguinte é incapaz de saber coisa alguma, é um homem sincero.

então pode manifestar-se o que se acha além da mente. E essa coisa só pode manifestar-se quando não é chamada; só pode manifestar-se quando não é procurada.

Como a nossa busca se origina da frustração, a mente que busca, nunca achará. Só a mente que compreende o processo total, pode receber as bênçãos do Real.

SABEDORIA E PENSAMENTO

Indicado em cursos de Filosofia, Teologia, Sociologia, Letras, Comunicação e História

Capa: Lee

SABEDORIA E PENSAMENTO